

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARCOS VINICIUS CAVALCANTE DOS SANTOS

**TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: circuitos dos ecossistemas
comunicativos no desenvolvimento em crianças de 06 à 11
anos**

JUAZEIRO - BAHIA
2024

MARCOS VINICIUS CAVALCANTE DOS SANTOS

**TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: circuitos dos ecossistemas
comunicativos no desenvolvimento em crianças de 06 à 11
anos**

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia,
apresentado à Universidade do Estado da Bahia -
UNEB, Departamento de Ciências Humanas -
Campus III, como pré-requisito básico para
conclusão do Curso de Pedagogia na disciplina
TCCII, sob a orientação da Profa. Dra. Edilane
Carvalho Teles.

JUAZEIRO - BAHIA
2024

**MARCOS VINICIUS CAVALCANTE DOS
SANTOS**

**TELEVISÃO E EDUCAÇÃO: circuitos dos ecossistemas
comunicativos no desenvolvimento em crianças de 06 à 11
anos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia -
Campus III, para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 13/01/2025

BANCA EXAMINADORA

Edilane Carvalho Teles

Profa. Dra. Edilane Carvalho Teles
UNEB/DCHIII
Orientadora

Iva Autina Cavalcante Lima

Profa. Ms. Iva Autina Cavalcante Lima Santos
UNEB/DCHIII
Avaliadora

Francisco de Assis Silva

Prof. Dr. Francisco de Assis Silva
UNEB/DCHIII
Avaliador_

AGRADECIMENTOS

Expresso minha mais profunda gratidão, à Deus, à minha mãe, Maristela, ao meu pai, Marcos, ao meu irmão, Diego, e à minha tia, Nena, cujos gestos de amor e apoio incondicional foram a base sólida que sustentou minha jornada, seus cuidados e presença constante transformaram desafios em força.

Dedico também meu reconhecimento aos professores da Universidade do Estado da Bahia – DCH (Campus III), que com sua sabedoria e dedicação iluminaram o meu caminho, em especial, Adeílda, Andrea, Antoneide, Aurilene, Ceres, Edilane, Edonilce, Elis, Francineide, Francisco, Iva, Flávio, Luzineide, Máisa, Neuma e Sílvia, cada um de vocês foram uma estrela a guiar meu percurso acadêmico.

Ao meu grupo de pesquisa, Polifonia, sou grato pelos diálogos fecundos que enriqueceram minha formação intelectual e expandiram meus horizontes.

Aos amigos que conquistei durante minha graduação, Riranildes Porfirio, minha alma gêmea em essência e afinidades, cuja presença sempre me trouxe conforto e compreensão; Israiane Brito, a luz de serenidade e generosidade, que sempre irradiou calma nos momentos mais desafiadores; Jaqueline Aquino, símbolo de companheirismo, sempre disposta a compartilhar caminhos e soluções; Maykon Borbalan, irmão de alma, cuja fraternidade sincera tornou a caminhada mais leve; Rita Vitória, com seu espírito vibrante e motivador, sempre uma fonte de energia renovadora; Ítala Márcia, cujo coração acolhedor fizeram de cada momento uma experiência de ternura e cumplicidade e Maria Eduarda, a personificação da doçura e empatia, que sempre trouxe leveza e acolhimento aos nossos dias. Vocês são os laços que levarei para toda a vida, memórias vivas de companheirismo, risos e superações compartilhadas.

Por fim, rendo minha admiração aos colegas de turma, companheiros indispensáveis na construção de saberes e na partilha de sonhos, esforços, desafios e conquistas, que ficará gravado em meu coração como um símbolo de perseverança.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro para as entrevistas semiestruturadas.....	27
Quadro 2 – Atividades desenvolvidas nas salas durante a pesquisa campo.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração da casa, do desenho “A Casa Mágica da Gabby”, produzida por uma criança de 6 anos.....	57
Figura 2 – Ilustração do personagem “Naruto”, protagonista do anime homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.....	58
Figura 3 – Ilustração do personagem “Zoro”, do anime “ONE PIECE”, produzida por uma criança de 10 anos.....	58
Figura 4 – Ilustração do <i>Youtuber</i> “Enaldinho”, produzida por uma criança de 6 anos.....	59
Figura 5 – Ilustração do brasão do time de futebol “Flamengo”, produzida por uma criança de 12 anos.....	60
Figura 6 – Ilustração da transmissão da Missa, produzida por uma criança de 11 anos.....	60
Figura 7 – Ilustração do filme “Meu Sogro é um Vampiro”, produzida por uma criança de 10 anos.....	61
Figura 8 – Ilustração do <i>Youtuber</i> “Enaldinho”, produzida por uma criança de 6 anos.....	67
Figura 9 – Ilustração do protagonista do filme “Trolls”, produzida por uma criança de 6 anos.....	67
Figura 10 – Ilustração de um personagem, do anime “Pokémon”, produzida por uma criança de 7 anos.....	68
Figura 11 – Ilustração dos <i>Youtubers</i> “Emilly Vick, Leozinho, Katlen, Void e Robson”, produzida por uma criança de 6 anos.....	68
Figura 12 – Ilustração dos personagens Spidey, Spin e Ghost-Spider, do desenho “Spidey e Seus Amigos Espetaculares”, produzida por uma criança de 7 anos.....	69
Figura 13 – Ilustração do personagem “Sonic”, do desenho homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.....	69

Figura 14 – Ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 7 anos.....	70
Figura 15 – Ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 6 anos.....	71
Figura 16 – Outra ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 7 anos.....	72
Figura 17 – Ilustração de desenho animado, produzida por uma criança de 6 anos.....	73
Figura 18 – Ilustração do desenho “A Casa Mágica de Gabby”, produzida por uma criança de 7 anos.....	74
Figura 19 – Ilustração dos <i>Youtubers</i> “Emilly Vick e Leozinho”, produzida por uma criança de 6 anos.....	74
Figura 20 – Ilustração dos personagens, da franquia de filmes “Harry Potter”, produzida por uma criança de 6 anos.....	75
Figura 21 – Ilustração dos <i>Youtubers</i> “Emilly Vick, Leozinho, Katlen, Void e Robson”, produzida por uma criança de 7 anos.....	76
Figura 22 – Mais uma ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 6 anos.....	77
Figura 23 – Ilustração do personagem “Pica-Pau”, do desenho homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.....	77
Figura 24 – Ilustração do <i>Youtuber</i> “Enaldinho”, produzida por uma criança de 7 anos.....	78
Figura 25 – Ilustração do desenho “Vera e o Reino do Arco-Íris”, sendo transmitido pela televisão, produzida por uma criança de 6 anos.....	79
Figura 26 – Texto sobre conteúdos assistido, produzido por um estudante de 11 anos.....	80
Figura 27 – Ilustração do filme “Pantera Negra”, produzida por uma criança de 10 anos.....	80

Figura 28 – Ilustração do personagem “Kakashi”, do anime “Naruto”, produzida por um estudante de 11 anos.....	81
Figura 29 – Ilustração dos <i>Tiktokers</i> “Maria Clara e JP”, produzida por um estudante de 10 anos.....	82
Figura 30 – Outro texto sobre conteúdos assistido, produzido por um estudante de 11 anos.....	83
Figura 31 – Ilustração do <i>Reality Show</i> “A Fazenda”, produzida por um estudante de 11 anos.....	84
Figura 32 – Ilustração do cotidiano da própria vida, que se desenhou assistindo televisão na sala, produzida por um estudante de 11 anos.....	84
Figura 33 – Texto sobre conteúdos assistido e ilustração da <i>Tiktoker</i> “Kamilinha Santos”, produzido por um estudante de 11 anos.....	85
Figura 34 – Ilustração da Logo do Canal do <i>Youtuber</i> “Renato Garcia”, produzida por um estudante de 11 anos.....	86
Figura 35 – Outra ilustração da Logo do Canal do <i>Youtuber</i> “Renato Garcia”, produzida por um estudante de 11 anos.....	86
Figura 36 – Ilustração do personagem “Goku”, da franquia de anime “Dragon Ball”, produzida por um estudante de 11 anos.....	87

RESUMO

Este estudo analisa a utilização da televisão como recurso pedagógico, examinando seus efeitos nas dimensões cognitivas, emocionais e sociais do desenvolvimento infantil, bem como em processos de ensino-aprendizagem. Com o intuito de observar as práticas pedagógicas e as percepções de educadores e estudantes sobre o uso desse recurso, a pesquisa adotou uma abordagem participativa, de caráter qualitativa. A metodologia incluiu entrevistas com professoras dos 1º e 5º anos, observações sistemáticas em salas de aula, do 1º e 5º ano, e atividades práticas que englobaram análises críticas de conteúdos televisivos e debates reflexivos com os estudantes. Os resultados evidenciam que a integração planejada e mediada da televisão no contexto educativo promove maior engajamento e desenvolvimento do senso crítico entre os alunos, destacando ainda a necessidade de formação docente e curadoria criteriosa de conteúdos para desenvolver sua utilização. O estudo conclui que a incorporação consciente da televisão no ambiente escolar não apenas favorece as práticas pedagógicas, mas também desempenha uma função na formação de cidadãos críticos e reflexivos, oferecendo contribuições para a elaboração de intervenções educacionais voltadas à contemporaneidade digital.

Palavras-chave – Televisão; Desenvolvimento Infantil; Consumo Midiático; Ecossistemas Comunicativos; Influências na Infância.

ABSTRACT

This study examines the use of television as an educational resource, analyzing its effects on the cognitive, emotional, and social dimensions of child development, as well as on teaching and learning processes. Aiming to deepen the understanding of pedagogical practices and the perceptions of educators and students regarding this resource, the research employed a qualitative and participatory approach. The methodology included interviews with teachers of 1st and 5th grades, systematic classroom observations, and practical activities involving critical analyses of television content and reflective debates with students. The findings highlight that the planned and mediated integration of television into the educational context fosters greater engagement and the development of critical thinking among students, while underscoring the necessity for teacher training and careful content curation to optimize its use. The study concludes that the conscious incorporation of television in the school environment not only enhances pedagogical practices but also plays a crucial role in shaping critical and reflective citizens, contributing to the design of educational interventions tailored to the digital age.

Keywords – Television; Child Development; Media Consumption; Communicative Ecosystems; Influences in Childhood.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO I – TELEVISÃO, ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	15
2.1 EDUCAÇÃO, TELEVISÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL	19
2.1.1 Efeitos da televisão na cognição e comportamento infantil	20
2.1.2 Aspectos positivos e negativos do conteúdo televisivo para crianças	22
3. CAPÍTULO II - TELEVISÃO NO AMBIENTE ESCOLAR	27
3.1 REFLEXÕES DO USO DA TELEVISÃO NA VISÃO DE UMA PROFESSORA DO 1º ANO.....	28
3.2 REFLEXÕES DO USO DA TELEVISÃO NA VISÃO DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO.....	31
4. CAPÍTULO III – PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES	35
4.1 EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DE 1º ANO	36
4.1.1 Dia 1 - Rodas de Conversa com as crianças.....	37
4.1.2 Dia 2 - Sessões de Visualização Crítica de Programas de TV	39
4.1.3 Dia 3 - Comparação: Televisão vs. Realidade.....	41
4.1.4 Dia 4 - Debates sobre Temas Apresentados na TV	44
4.2 EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DE 5º ANO	46
4.2.1 Dia 1 - Rodas de Conversa com as crianças.....	46
4.2.2 Dia 2 - Sessões de Visualização Crítica de Programas de TV	48
4.2.3 Dia 3 - Comparação: Televisão vs. Realidade.....	50
4.2.4 Dia 4 - Debates sobre Temas Apresentados na TV	52
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
7. APÊNDICES	67

1. INTRODUÇÃO

Este estudo destaca a investigação das múltiplas formas pelas quais a televisão, enquanto meio de comunicação amplamente disseminado e de elevada popularidade, pode atuar tanto como recurso facilitador quanto como fator de interferência nos processos de ensino e aprendizagem, particularmente no que se refere ao desenvolvimento infantil. Tal investigação se pauta na análise de como a televisão influencia os aspectos cognitivos, emocionais e sociais das crianças, destacando os desafios e as oportunidades associados à sua integração no ambiente educacional.

A presença da televisão no cotidiano das crianças suscita questões acadêmicas complexas, especialmente no contexto das transformações tecnológicas contemporâneas. Contrariando a concepção amplamente difundida de que as novas gerações, por serem expostas a tecnologias digitais desde cedo, constroem habilidades no uso desses recursos de forma espontânea e natural, essas habilidades incluem o desenvolvimento do pensamento crítico, a capacidade de selecionar informações relevantes, a criatividade no uso de recursos digitais e a consciência ética no consumo e produção de conteúdos. Dessa forma, estudos recentes apontam para a necessidade de uma aprendizagem mediada e estruturada. A simples exposição a conteúdos televisivos ou a outras mídias digitais não assegura, por si só, um desenvolvimento pleno dessas competências para o engajamento crítico e produtivo nesse ambiente.

Ao decorrer desta pesquisa, é destacado como os conteúdos consumidos pelas crianças interagem com diferentes áreas do desenvolvimento humano, demonstrando a complexidade dessas relações, e como essas evidências reforçam a necessidade de abordagens críticas fundamentadas, que considerem as implicações pedagógicas, psicológicas, sociológicas e culturais do uso da televisão, instituindo a necessidade de uma mediação mais consciente e responsável no contexto infantil.

Este trabalho adota uma abordagem interdisciplinar para examinar os modos pelos quais a televisão influencia os padrões de consumo midiático, as dinâmicas de ensino e aprendizagem, e o desenvolvimento integral das crianças.

Busca-se, assim, promover uma compreensão mais abrangente dos efeitos positivos e negativos da integração da televisão no ambiente educativo, bem como das estratégias pedagógicas que podem maximizar seus benefícios enquanto mitigam seus potenciais malefícios.

Além de contribuir para a prática educativa, esta pesquisa almeja fundamentar intervenções pedagógicas que respondam às necessidades contemporâneas de uma sociedade cada vez mais mediada pela informação, pelas tecnologias digitais, pelas relações sociais, pelos valores culturais, entre outros elementos. A compreensão das complexas relações entre televisão, educação e desenvolvimento infantil é crucial para a formulação de estratégias que promovam um uso consciente, equilibrado e construtivo das tecnologias digitais.

Espera-se que os resultados desta investigação aprimorem o repertório teórico e prático de educadores, psicólogos, formuladores de políticas e comunicadores. Deste modo, a pesquisa pode oferecer subsídios para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras que estejam alinhadas às demandas da educação contemporânea, incentivando o uso crítico da televisão como recurso pedagógico e como veículo de diálogo e aprendizagem colaborativa.

A televisão é aqui analisada como elemento integrante de ecossistemas comunicativos que, quando empregados de forma reflexiva, têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e jovens. Ao explorar essas questões, a pesquisa busca preparar os educadores e demais profissionais da área para enfrentar os desafios inerentes à educação no contexto de uma sociedade digitalizada, promovendo, ao mesmo tempo, o crescimento intelectual, emocional e social das novas gerações.

O foco central desta investigação consiste em compreender os impactos da televisão na educação e no desenvolvimento infantil em crianças de 06 à 11 anos, no contexto dos ecossistemas comunicativos contemporâneos. Para alcançar esse objetivo principal, foram delineados objetivos específicos que nortearam a pesquisa, incluindo a análise da influência da televisão no ambiente escolar, a exploração das práticas adotadas por educadores no uso desse

recurso e a reflexão sobre estratégias pedagógicas que promovam sua utilização de forma efetiva e crítica.

A estrutura da pesquisa foi organizada em três capítulos interligados, visando abordar de forma abrangente e aprofundada os aspectos centrais do tema. No capítulo I, intitulado *Televisão, Ecosistemas Comunicativos e Desenvolvimento Infantil*, são apresentados os conceitos fundamentais que sustentam o estudo, como comunicação, ecossistemas comunicativos e desenvolvimento infantil. Este capítulo explora o papel da televisão como um meio de comunicação, destacando suas contribuições e limitações no contexto educacional. São analisados os impactos da televisão no desenvolvimento cognitivo, comportamental e emocional das crianças, considerando tanto os benefícios, como o estímulo à criatividade e ao aprendizado cultural, quanto os desafios, como a exposição a conteúdos inadequados ou o consumo passivo. Essa abordagem teórica busca construir uma base sólida para a discussão das interações entre televisão, desenvolvimento infantil e educação.

O capítulo II, intitulado *Televisão no Ambiente Escolar*, foca na televisão enquanto elemento integrante dos ecossistemas comunicativos das escolas, ao atuar como meio pedagógico e cultural, ampliando o acesso a conteúdos diversos e conectando o aprendizado ao cotidiano dos estudantes. A partir de uma perspectiva crítica, este capítulo examina duas entrevistas realizadas com professoras do Ensino Fundamental I, para trazer perspectivas de como a televisão influencia as práticas educacionais e o processo de ensino-aprendizagem. Diante disto, são investigados o papel das escolas na mediação do consumo televisivo e as formas como educadores podem adotar práticas pedagógicas que utilizem esse recurso de maneira criativa e construtiva, trazendo as potencialidades da televisão, como sua capacidade de ilustrar conteúdos de forma dinâmica, e também um contraste com as dificuldades de sua implementação, incluindo a falta de formação docente específica e critérios para seleção de conteúdos. Nesse contexto, as declarações das entrevistadas estarão em itálico, a fim de diferenciá-las das demais citações.

No capítulo III, denominado *Práticas e Percepções dos Estudantes*, são analisadas as percepções e práticas relacionadas ao uso da televisão no contexto educacional, do ponto de vista dos estudantes. Este capítulo se baseia

em dados empíricos coletados por meio de grupos focais e observações, buscando compreender como a televisão é percebida e utilizada no ambiente escolar. Além disso, são apresentadas propostas para integrar a televisão ao aprendizado infantil de forma crítica e interativa, enfatizando metodologias colaborativas e que estimulem o engajamento ativo dos discentes. O capítulo culmina com uma análise abrangente dos resultados da pesquisa, refletindo sobre suas implicações para a prática educativa contemporânea.

Finalmente, nas Considerações Finais, a pesquisa é concluída com uma síntese dos principais achados, destacando as contribuições teóricas e práticas do estudo. São identificadas as limitações do trabalho, como a dificuldade em generalizar resultados para diferentes contextos educacionais, e apontadas direções para futuras investigações. Essas novas perspectivas visam aprofundar a compreensão sobre a integração da televisão na educação, com foco em seus impactos no desenvolvimento integral das crianças e nas dinâmicas pedagógicas.

Ao longo de todo o estudo, busca-se evidenciar a importância de uma análise crítica, interdisciplinar e contextualizada dos efeitos da televisão no desenvolvimento infantil. A pesquisa oferece uma contribuição relevante para o entendimento dos ecossistemas comunicativos na educação, destacando como a televisão, quando utilizada de forma consciente e estratégica, pode atuar como um recurso pedagógico no enfrentamento dos desafios educacionais do século XXI. Essa perspectiva permite preparar as futuras gerações para um uso mais equilibrado e produtivo das tecnologias, promovendo a formação de cidadãos críticos, reflexivos e engajados em uma sociedade em constante transformação.

2. CAPÍTULO I – TELEVISÃO, ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Soares (2011) conceitua ecossistemas comunicativos como um conjunto de ações voltadas ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos que visam criar e fortalecer ambientes comunicativos, esses ecossistemas não se limitam apenas ao uso de tecnologias, mas abrangem decisões estratégicas para fomentar o diálogo social e explorar as potencialidades dos meios de comunicação.

Diante desta perspectiva, duas questões importantes a serem consideradas são: a televisão na educação pode ser concebida como um elemento integrante dos ecossistemas comunicativos escolares? Além disso, quando inserida de maneira consciente e crítica no ambiente educacional, ela possui o potencial de complementar a educação formal, fortalecendo as interações comunicativas entre alunos, professores e a comunidade educativa?

A abordagem proposta por Orozco-Gómez (1998) sobre a utilização educativa da televisão se alinha com a ideia de ecossistemas comunicativos, ao enfatizar a importância de discutir e contextualizar os programas televisivos dentro do currículo escolar. Isso permite não só explorar os conteúdos educativos transmitidos, mas também promover o diálogo, a reflexão crítica e a construção de conhecimento de forma colaborativa.

Estou propondo que, a partir da televisão, qualquer programa que se traga para a classe, se discuta com os estudantes e se explicitem suas interações com esses programas. E, a partir daí, os professores devem procurar saber como são os receptores, como usam a televisão, como se apropriam dela. Os alunos podem, assim, aprender algo mais deles mesmos e sobre o conteúdo e as idéias que vieram desse processo. Dessa perspectiva, a televisão seria o primeiro pretexto para facilitar uma experiência de maneira muito mais didática, mais lúdica, ultrapassando o próprio meio (Paulino, 1998, p. 81).

Orozco-Gómez (1998) provoca uma reflexão profunda sobre o papel da televisão na educação e no desenvolvimento infantil, explorando várias dimensões que desafiam concepções convencionais sobre o meio televisivo. Central em sua abordagem está a ideia de que qualquer programa televisivo pode se tornar um instrumento pedagógico se for devidamente contextualizado e discutido em sala de aula. O autor propõe que os educadores devem

compreender não apenas os conteúdos dos programas, mas também como os alunos os recebem e se apropriam deles. Esse processo não apenas facilitaria uma experiência de aprendizado mais didática e lúdica, mas também deslocaria a ênfase do ensino formal para uma educação mais ampla e inclusiva.

Orozco-Gómez (1998) também desafia a definição tradicional de programas educativos, argumentando que sua qualidade educativa não reside na intenção do programa em si, mas na interpretação e no significado que os receptores atribuem a ele. O mesmo enfatiza que a televisão pode proporcionar formas de aprendizado distintas das modalidades educativas formais, muitas vezes alcançando resultados educativos eficazes mesmo quando não é explicitamente designada para esse fim. Nesse sentido, a televisão serve como um complemento à educação formal, oferecendo uma variedade de conteúdos e formatos que podem engajar os estudantes de maneiras não convencionais.

Há uma enorme diversidade de programas televisivos que podem ser utilizados com finalidades educativas. Em certo sentido, é possível considerar que todo e qualquer programa audiovisual tem um potencial educativo, desde que seja trabalhado pedagogicamente (MEC, 1998, p. 17).

O pesquisador observa ainda uma competição percebida entre o ensino escolarizado e a televisão, em que muitos educadores consideram apenas os conteúdos explicitamente instrutivos como válidos para o aprendizado, desafiando essa visão, argumentando que a televisão não deve ser vista como uma ameaça à educação formal, mas como um recurso que pode ser integrado de forma construtiva ao currículo escolar. A televisão, segundo o autor, não apenas ensina de maneiras diversas e menos diretivas do que a escola, mas também é capaz de oferecer uma educação informal que complementa e acrescenta a experiência educativa dos alunos.

[...] As crianças, muitas vezes, aprendem mais com a televisão do que com os próprios métodos da escola. Uma vez um professor me disse que a televisão não ensina, mas os alunos aprendem. Por essa afirmação devemos entender que a televisão não tem licença para ensinar, mas isso não quer dizer que não tenha uma instância educativa, e por aí se chega à problemática do professor com a televisão, que a trata de eliminar ao invés de aproveitá-la para seus próprios ensinamentos (Paulino, 1998, p. 83).

Nesse sentido, Paulino (1998) destaca a importância dos educadores ajudarem os alunos a discernir entre os conteúdos televisivos positivos e

negativos. Ele reconhece que a televisão pode transmitir não apenas informações educativas, mas também influências negativas que exigem orientação e mediação por parte dos professores (Paulino, 1998). A capacidade dos educadores de contextualizar e interpretar criticamente os conteúdos televisivos é crucial para maximizar os benefícios educativos desse meio de comunicação e mitigar seus possíveis impactos negativos.

As ideias de Orozco-Gómez (1998) oferecem ainda uma visão crítica sobre o papel da televisão na educação contemporânea, desafiando concepções estreitas de aprendizado e enfatizando a necessidade de uma abordagem integrativa e reflexiva por parte dos educadores, conforme enfatizado também por Alegria (2008, p. 88) ao relatar que: “As crianças estão certas da importância da televisão como meio de comunicação de massa. Têm noção da dimensão planetária do sistema de comunicação televisiva, reconhecem a relevância desse meio de comunicação”.

No desenvolvimento infantil por exemplo, os ecossistemas comunicativos oferecem um ambiente rico para a aprendizagem através da interação com diferentes formas de mídia, incluindo a televisão. A educomunicação, como abordagem educativa, propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos e criativos, onde o diálogo e a participação são fundamentais. Isso não apenas contribui para a educação formal, mas também para o desenvolvimento pessoal e social das crianças, incentivando uma convivência saudável e a valorização da diversidade de opiniões e experiências.

É, também, necessário pensar que tais interações oferecem uma reflexão sobre os efeitos negativos do uso excessivo de telas digitais no desenvolvimento infantil. Desmurget (2022) destaca que, embora as tecnologias digitais ofereçam muitos benefícios, como acesso rápido à informação e facilidade de comunicação, o uso indiscriminado dessas telas está prejudicando aspectos fundamentais do desenvolvimento humano. Isso inclui habilidades como linguagem, concentração, memória, inteligência emocional e habilidades sociais. O autor argumenta que estamos testemunhando uma regressão cognitiva e intelectual, em vez de uma evolução, devido ao tempo excessivo que crianças, adolescentes e jovens dedicam a smartphones, tablets, computadores e televisão.

Desmurget (2022) argumenta ainda que o uso excessivo de telas pode enfraquecer as relações intrafamiliares e reduzir as trocas verbais, prejudicando os ecossistemas comunicativos que são essenciais para o desenvolvimento das crianças, conectando-nos com a ideia de que as interações humanas, tanto na família quanto na escola, são cruciais para o desenvolvimento integral das crianças. A substituição dessas interações por interações mediadas por telas pode ser prejudicial.

Tais reflexões nos convida a repensar como estamos educando nossas crianças em relação ao uso das telas. É sugerido pelo autor supracitado (2022) que devemos estabelecer regras precisas e promover atividades no mundo real para equilibrar o tempo digital recreativo com outras atividades dinâmicas. Para Rosenberg (2008, p. 16), “O fato é que, na atualidade, não se trata tanto de abolir seu consumo, mas dosá-lo.”

Tais abordagens são essenciais para promover uma educação que considere não apenas o aspecto cognitivo, mas também o social e emocional das crianças. Conforme exposto por Desmurget (2022), o cérebro humano não está adaptado à digitalização excessiva que enfrentamos, o que pode comprometer o desenvolvimento saudável das crianças. Isso ressoa com a necessidade de criar um ambiente que promova o desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças, sem negligenciar o papel crucial das interações humanas e atividades físicas.

Portanto, a televisão na educação pode ser vista como um elemento facilitador dentro dos ecossistemas comunicativos, promovendo uma educação integrada, multidisciplinar e participativa, que valoriza tanto o conteúdo curricular quanto a formação cidadã e ética dos estudantes. Essa abordagem não apenas utiliza a televisão como recurso educativo, mas também reconhece seu potencial transformador dentro de um ambiente educacional que busca promover a aprendizagem significativa e a formação integral dos indivíduos.

Porém, para promover um uso consciente das telas e melhorar os ecossistemas comunicativos no desenvolvimento infantil, é essencial que educadores, pais e a sociedade em geral considerem as evidências científicas e os impactos reais do uso das tecnologias digitais. Isso requer um equilíbrio entre

o acesso à tecnologia e a promoção de atividades que estimulem o desenvolvimento integral das crianças, garantindo que elas não sejam apenas consumidoras passivas de conteúdo digital, mas também participantes ativas em um mundo real interativo.

2.1 EDUCAÇÃO, TELEVISÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Entre 6 e 11 anos, as crianças atravessam uma fase crucial de desenvolvimento cognitivo conhecida, segundo Piaget (1999), como o estágio operatório concreto. Durante esse período, o pensamento das crianças torna-se mais lógico e estruturado, embora ainda permaneça vinculado a objetos concretos e experiências diretamente observáveis, aonde a lógica opera com base em elementos tangíveis, permitindo avanços importantes, como a compreensão da reversibilidade, que é a capacidade de visualizar mentalmente uma ação e sua inversa.

Esse avanço permite à criança resolver problemas com maior eficácia, como entender que somar e subtrair são operações opostas. Outro marco significativo dessa fase é a conservação, onde a criança aprende que certas propriedades dos objetos, como volume ou quantidade, permanecem inalteradas mesmo que sua aparência se modifique.

A habilidade de classificar e organizar objetos em categorias, bem como de ordenar elementos com base em critérios como tamanho ou peso, também emerge nesta fase. Esse progresso cognitivo, aliado à descentralização, faz com que a criança passe a compreender que existem diferentes pontos de vista além do seu próprio, diminuindo seu egocentrismo e abrindo espaço para uma interação social mais rica.

Nesse estágio, Piaget (1999) relata que o aprendizado ocorre de maneira mais eficaz quando está vinculado a experiências práticas e concretas. Atividades como experimentos científicos simples, brincadeiras que envolvem lógica ou jogos que demandam raciocínio são particularmente potencializadoras. Ainda que as crianças comecem a enxergar o mundo como um sistema de relações causais, sua capacidade de abstração ainda é limitada, assim,

conceitos complexos devem ser apresentados de maneira concreta e acessível, de forma a facilitar a assimilação.

Os responsáveis desempenham um papel central em mediar a relação das crianças com a televisão, é importante que selecionem cuidadosamente os programas assistidos, priorizando conteúdos que estimulem o pensamento crítico e a criatividade. Após o consumo, conversas sobre o que foi visto podem ajudar a criança a refletir sobre os conteúdos, contextualizá-los e integrá-los ao seu aprendizado. Além disso, estabelecer limites claros sobre o tempo de tela é essencial para equilibrar o consumo de mídia com outras atividades fundamentais, como brincadeiras físicas, interações sociais e momentos de leitura.

Embora a televisão possa ser um recurso complementar, é fundamental que ela não substitua outras formas de aprendizado, como brincadeiras ao ar livre. Atividades práticas e interações interpessoais são indispensáveis para o desenvolvimento integral nessa etapa da infância.

2.1.1 Efeitos da televisão na cognição e comportamento infantil

A televisão, enquanto meio de comunicação, exerce um impacto no desenvolvimento cognitivo e comportamental das crianças. No aspecto cognitivo, a televisão pode apresentar vantagens e desafios, e os conteúdos educativos e programas cuidadosamente desenvolvidos podem ser instrumentos para estimular o aprendizado, ampliar o vocabulário, desenvolver habilidades de resolução de problemas e fomentar o interesse por temas variados.

Por exemplo, programas sobre ciência, história ou natureza podem aprimorar o repertório cultural da criança e despertar sua curiosidade. Contudo, o formato visual da televisão que oferece personagens e histórias prontas, muitas vezes reduz o espaço para a imaginação ativa, que pode limitar a criatividade e a capacidade de abstração, diferente da leitura, em que a criança precisa construir mentalmente os cenários e personagens, o

No âmbito comportamental, a televisão pode ser tanto um espelho da sociedade quanto um guia para a internalização de normas e valores. Crianças

expostas a conteúdos violentos ou que reforçam estereótipos de gênero, raça ou comportamento social podem, com o tempo, reproduzir essas atitudes, Papalia e Martorell (2021, p. 77) vão relatar que,

Embora correlações fortes indiquem possíveis relações de causa e efeito, são apenas hipóteses e precisam ser examinadas e testadas com espírito crítico. Não podemos ter certeza, a partir de uma correlação positiva entre violência televisionada e agressividade, que ver programas violentos na televisão causa agressão; só podemos concluir que as duas variáveis estão relacionadas. É possível que a causa ocorra no sentido inverso: o comportamento agressivo talvez leve a criança a ver mais programas violentos. Ou uma terceira variável – uma predisposição inata à agressividade ou um ambiente violento – pode fazer com que a criança tanto assista a programas violentos quanto aja agressivamente.

Por outro lado, programas que incentivam a empatia, a cooperação e o respeito às diferenças, podem ter o potencial de moldar comportamentos positivos. No entanto, a presença da televisão como uma 'babá eletrônica' em alguns lares, ao substituir a interação familiar, pode levar ao isolamento social e prejudicar o desenvolvimento emocional e relacional das crianças.

Além disso, a televisão funciona como um meio de comunicação de massa com grande capacidade de influenciar hábitos de consumo, comerciais voltados ao público infantil apelam frequentemente para o desejo e a imitação, criando nas crianças a sensação de que a posse de certos produtos é fundamental para sua aceitação social. Esta estratégia fomenta o consumismo precoce, desviando o foco das crianças para experiências mais significativas, como brincar, explorar e aprender por meio da interação com o mundo real.

De acordo com Costa (2009), a televisão (mídia) exerce um papel significativo na formação das crenças e valores das crianças, pois apresenta imagens, pessoas e objetos como verdades incontestáveis da realidade. Dessa forma, o conteúdo televisivo pode levar a criança a acreditar que tudo o que é mostrado não apenas existe, mas também merece ser respeitado e, muitas vezes, desejado ou adquirido.

Deste modo, a autora destaca como a mídia pode influenciar a percepção infantil, moldando sua visão de mundo e reforçando padrões culturais e sociais. Esse processo pode reduzir a capacidade crítica das crianças, que passam a aceitar passivamente o que é transmitido, sem questionar sua veracidade ou relevância. Costa (2009) sugere que a televisão não apenas reflete a realidade,

mas a constrói de forma a reforçar determinados comportamentos, valores e até desejos de consumo.

Apesar desses desafios, a televisão possui um enorme potencial educativo, quando utilizada de forma equilibrada e consciente, ela pode complementar o aprendizado formal, apresentar culturas diversas e fomentar discussões importantes, cabe aos pais e educadores a mediação desse consumo, selecionando conteúdos apropriados, limitando o tempo de exposição e promovendo reflexões sobre o que é assistido, ao transformar a experiência televisiva em uma oportunidade para diálogo e crítica, a televisão deixa de ser apenas um meio de entretenimento passivo e se torna um meio para o desenvolvimento integral das crianças. Vale ressaltar que esse tipo de abordagem não é fácil, ao entrarmos nessa seara, estaremos levantando uma série de questões.

Ao falar sobre a forma de como a televisão deve ser utilizada, Rosenberg (2008, p. 15) apresenta da seguinte metáfora:

Um nutricionista sabe que a alimentação deve ser equilibrada, moderando em itens como doces e gorduras. Ao planejar uma dieta, ele leva em consideração os nutrientes necessários ao desenvolvimento de uma criança, mas também as preferências dessa criança. É assim que pode combinar, por exemplo, bife com purê de batatas e vagem com morangos e chantilly. Com a televisão é a mesma coisa. É importante fazer escolhas que agradem tanto ao paladar quanto ao desenvolvimento saudável [...].

Por fim, embora a televisão seja um recurso de comunicação, seu impacto dependerá da forma como é inserida no cotidiano das crianças. É essencial combiná-la com outras atividades que promovam a interação social, a leitura, o brincar e a vivência de experiências práticas, assegurando um desenvolvimento equilibrado e saudável em meio às influências da mídia.

2.1.2 Aspectos positivos e negativos do conteúdo televisivo para crianças

A televisão, um meio amplamente acessível para crianças de 6 a 11 anos, exerce um impacto significativo sobre o desenvolvimento das crianças, considerando a quantidade de tempo que é gasto assistindo, e esse impacto causado pela televisão pode ser refletido de forma positiva ou negativa. Com

isso, alguns pressupostos são levantados em relação a mediação dos aspectos dos conteúdos televisivos, sendo eles de que, quando bem direcionada, a televisão pode ser um aliado na expansão do conhecimento, programas educativos e documentários podem estimular o vocabulário, aumentar a compreensão do mundo e despertar a curiosidade por temas variados, além de que, histórias bem elaboradas podem, por sua vez, auxiliar no desenvolvimento emocional, ajudando a criança a identificar e compreender diferentes perspectivas, fortalecendo a empatia. Entretanto, existe algumas ponderações que precisam ser feitas quanto a essas questões, as quais serão melhor abordadas no Capítulo III.

Rezende (1989) critica os efeitos negativos do consumo excessivo de televisão pelas crianças, argumentando que essa prática prejudica aspectos essenciais do desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere à capacidade de interação ativa com o ambiente, pois ao dedicar grande parte do tempo à televisão, a criança é colocada em uma posição de passividade que compromete tanto suas habilidades comunicativas quanto sua capacidade de reflexão. Nesse contexto, a ausência de oportunidades para falar e reagir ao que consome limita o desenvolvimento de competências relacionadas à expressão de ideias, à argumentação e ao pensamento crítico.

Nessa perspectiva, Soifer (1992) observou que entre as crianças que assistem à televisão de forma prolongada e diária desde os primeiros meses de vida, é perceptível uma elevada porcentagem de crianças que apresentam dificuldades escolares significativas, essas dificuldades estão associadas a uma organização intelectual comprometida, caracterizada por déficits em habilidades cognitivas fundamentais, como a atenção (frequentemente dispersa), a concentração, a memória e a capacidade de reprodução de informações.

A televisão, segundo Rezende (1989), transforma a criança em um sujeito contemplativo e inerte, que apenas observa e ouve, sem escutar ou interpretar criticamente os conteúdos apresentados e, essa postura passiva, impede o exercício de habilidades indispensáveis, como questionar, discordar e avaliar, de maneira autônoma, o que lhe é apresentado. Como consequência, o consumo acrítico interfere de maneira decisiva na construção da visão de mundo da criança, moldando sua percepção da realidade de acordo com os discursos e

valores predominantes nos conteúdos televisivos que, muitas vezes, são simplificados, estereotipados ou desconectados da complexidade da vida real.

Adicionalmente, a autora chama a atenção para o fato de que o tempo que muitas crianças brasileiras passam em frente à televisão, frequentemente equiparável ao período dedicado à escola, deve ser motivo de preocupação tanto para os adultos em geral quanto, especialmente, para os profissionais ligados à educação. Esse desequilíbrio aponta para uma influência crescente da televisão na formação intelectual e cultural da criança, em detrimento de práticas educativas que favoreçam a criticidade e a interação ativa com o conhecimento. Dessa forma, Rezende (1989) sugere que o consumo excessivo de televisão constitui um obstáculo significativo ao pleno desenvolvimento infantil, comprometendo tanto a autonomia quanto a capacidade de compreender e interpretar o mundo de maneira crítica.

Levando em consideração todos os pressupostos levantados, até o momento, é válido se perguntar: a televisão pode ser capaz de influenciar valores, comportamentos e até mesmo a maneira como os pequenos enxergam o mundo à sua volta?

Nesse sentido, Gonçalves (2003, p. 5) relata que:

Não podemos deixar de lado a forma precoce com que as crianças são inseridas na vida adulta pela mídia, e isto afeta significativamente a educação, o desenvolvimento cultural e psicológico do indivíduo. Advém deste ponto a necessidade de uma maior problematização do tema, para ir ao encontro ao que outros países já o fazem, uma regulação midiática, longe de ser perfeitamente eficiente, mas, claramente um passo à frente na busca por uma televisão que não deseduque.

Essa influência pode ser tanto positiva quanto negativa, dependendo da qualidade do conteúdo, da mediação dos adultos e do equilíbrio com outras atividades fundamentais ao desenvolvimento infantil.

As influências das mídias domésticas também desempenham um papel no desenvolvimento das crianças. A influência predominante é a televisão. Em 2003, crianças de 6 a 12 anos passavam aproximadamente 14 horas por semana assistindo à televisão. [...] Esta exposição à mídia tem influências variáveis dependendo do tipo de mídia que é examinada e do gênero da criança. Por exemplo, a televisão está associada à substituição de outras experiências mais benéficas, como brincar ou dormir, para todas as crianças (Papalia e Martorell, 2021, p. 345).

Entretanto, os benefícios da televisão também dependem diretamente da qualidade dos conteúdos apresentados e da maneira como ela é consumida, ao que daí surge um novo questionamento: a exposição a conteúdos inadequados, como programas violentos ou com mensagens distorcidas, pode influenciar negativamente o comportamento e as atitudes das crianças?

Segundo Carlsson e Feilitzen (1999), embora a violência explícita e física, como assassinatos, lutas e massacres, seja a mais discutida em debates públicos e pesquisas, existem outras formas de violência menos visíveis, mas igualmente prejudiciais. Essas formas incluem a violência estrutural e mental, que são mais sutis e latentes.

As autoras trazem a ideia de que essa violência menos aparente não é facilmente identificada porque seus responsáveis e vítimas não são tão claros, além disso, as causas e consequências dessa violência estão profundamente enraizadas na cultura e nas estruturas sociais, tornando-a mais complexa de ser compreendida e abordada, já que podem manifestar-se, por exemplo, em desigualdades sociais, preconceitos, discriminações e em mensagens que reforçam padrões opressivos de comportamento ou pensamento. Em relação a isso, “[...] a agressividade induzida pela mídia pode ser minimizada com a redução do tempo de uso da televisão e pela monitoração e orientação, por parte dos pais, dos programas a que as crianças assistem” (Papalia e Martorell, 2021, p. 374 apud Anderson, Berkowitz et al., 2003).

Assim, Carlsson e Feilitzen (1999) também chamam a atenção para a necessidade de uma análise mais abrangente da influência da mídia, que vá além das representações explícitas de violência física para incluir os impactos psicológicos e culturais subjacentes que moldam comportamentos e perpetuam desigualdades na sociedade.

Pode-se perceber, portanto, que o consumo excessivo de televisão pode comprometer aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil, reduzindo oportunidades de aprendizado proporcionadas por brincadeiras físicas, interações sociais e a prática da leitura. Além disso, a exposição contínua a estímulos visuais intensos e acelerados pode prejudicar a capacidade da criança

de assimilar informações em ambientes mais tranquilos, como o contexto escolar, evidenciando a importância de um equilíbrio no uso desse meio.

Com base nessa discussão, o capítulo seguinte avança na pesquisa ao trazer a análise de duas entrevistas conduzidas com professoras do Ensino Fundamental I, trazendo à tona reflexões sobre as inter-relações entre o uso da televisão e sua influência nas dinâmicas das práticas educacionais, bem como nos processos que permeiam o ensino-aprendizagem.

3. CAPÍTULO II - TELEVISÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo serão abordadas as entrevistas realizadas com professoras das turmas do 1º e 5º ano, que desempenharam um papel fundamental para compreender as práticas e percepções dos educadores sobre o uso da televisão como recurso pedagógico.

Antes de iniciar as entrevistas, foi realizada uma reunião com a equipe pedagógica para apresentar a proposta da pesquisa e obter consentimento, além de garantir que todos os nomes fossem substituídos por pseudônimos e que as informações permanecessem confidenciais. As entrevistas foram gravadas com autorização prévia e conduzidas em horários previamente acordados, respeitando a rotina das professoras.

Quadro 1: Roteiro para as entrevistas semiestruturadas.

Entrevistas Semiestruturadas com as professoras (1º e 5º Ano)
Perguntas para a entrevista:
1. Há quanto tempo você leciona no Ensino Fundamental?
2. Você utiliza conteúdos televisivos ou digitais (como vídeos de plataformas de <i>streaming</i> ou <i>YouTube</i>) como recurso em sala de aula? Se sim, com que frequência e para quais finalidades?
3. Como você avalia o impacto da televisão (ou programas educativos) no aprendizado dos alunos?
4. Na sua opinião, como o consumo de mídias digitais (<i>YouTube</i> , <i>streaming</i> , redes sociais) influencia o comportamento e o aprendizado dos alunos?
5. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao tentar integrar conteúdos midiáticos em suas aulas?
6. Você acredita que o uso da televisão ou de conteúdos digitais pode ajudar a complementar o currículo escolar? Por quê?
7. Existe algum conteúdo televisivo ou digital que você considera particularmente relevante e gostaria de ver mais presente no ambiente escolar?
8. Que estratégias você sugeriria para aproveitar o interesse dos alunos em televisão e mídias digitais no contexto educativo?
9. Tem mais alguma coisa que gostaria de falar sobre televisão; o uso dela na sala de aula; programação infantil...?

Fonte: Autor (2024).

As gravações foram analisadas e transcritas exclusivamente para fins acadêmicos, sendo descartadas após o término da pesquisa. A contribuição das professoras entrevistadas ainda trouxe perspectivas sobre como a televisão pode ser incorporada no processo de ensino-aprendizagem, ampliando o entendimento sobre sua relevância no contexto escolar.

Nas próximas subseções serão apresentadas as colocações das professoras entrevistadas, conforme o quadro de entrevista apresentado anterior.

3.1 REFLEXÕES DO USO DA TELEVISÃO NA VISÃO DE UMA PROFESSORA DO 1º ANO

A entrevista realizada com uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental, com três anos de experiência na docência, revela perspectivas importantes sobre o uso de conteúdos televisivos (e digitais) no ambiente escolar. Ao longo da conversa, ela compartilhou suas práticas, percepções e desafios ao integrar esses recursos em suas aulas, além de propor estratégias para maximizar seus benefícios no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a professora, o uso de vídeos e conteúdos digitais é uma prática recorrente em sua rotina pedagógica:

Eu utilizo diariamente, especialmente no momento de acolhida. Costumo passar umas histórias animadas para as crianças, que encontro no YouTube – fábulas, contação de histórias, essas coisas. Acho que ajuda as crianças a ficarem mais calmas logo no início do dia (Professora Entrevistada A, 2024).

Essa abordagem evidencia como as mídias digitais podem desempenhar uma função na construção de um ambiente acolhedor e propício para a aprendizagem, especialmente no início da jornada escolar diária, quando os alunos ainda estão se ajustando à rotina.

Quando questionada sobre o impacto da televisão ou de programas educativos no aprendizado dos alunos, a professora destacou os aspectos positivos dessa prática:

Eu vejo uma coisa positiva, principalmente com conteúdos educativos que prendem a atenção deles e ajudam a introduzir temas de forma lúdica. As histórias, por exemplo, incentivam a imaginação e até ajudam na construção do vocabulário (Professora entrevistada A, 2024).

Sua observação reflete um dos grandes potenciais das mídias audiovisuais: a capacidade de engajar os estudantes e estimular processos cognitivos e criativos, utilizando narrativas e imagens que dialogam com o universo infantil (Pacheco, 1995).

No entanto, a professora também reconhece que o consumo de mídias digitais pelos alunos fora do ambiente escolar pode influenciar seu comportamento e aprendizado de maneiras ambíguas:

Eu percebo que eles ficam muito conectados com essas mídias quando estão fora da escola, então acho que trazer isso pra sala de aula pode ajudar a transformar algo que já atrai a atenção deles em uma forma de aprendizado. Mas também vejo que, de vez em quando, eles ficam muito agitados nessas horas (Professora Entrevistada A, 2024).

Essa reflexão aponta para a necessidade de um equilíbrio no uso desses meios, de forma que sejam aproveitadas como um recurso pedagógico sem comprometer a dinâmica da sala de aula. Nesse sentido, o conceito de ecossistemas comunicativos, trazido por Ismar de Oliveira Soares (2014), apresenta-se como uma abordagem essencial para criar ambientes que promovam o diálogo e fortaleçam as interações sociais, especialmente no espaço escolar. Para Soares (2014), os ecossistemas comunicativos representam “um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço”, onde o convívio humano se fundamenta em decisões ético-pedagógicas que favorecem a abertura, a criatividade e o diálogo como metodologias centrais.

Entre os desafios mencionados, a seleção de materiais apropriados destaca-se como uma preocupação central: “Acho que é selecionar materiais de qualidade. Nem tudo no YouTube é adequado, e eu sempre vejo antes para ter certeza de que vai agregar.” Essa declaração evidencia o papel ativo do professor como mediador do conteúdo, reforçando a importância de uma curadoria criteriosa para garantir que os materiais utilizados sejam compatíveis com os objetivos pedagógicos e as necessidades dos alunos. Essa informação trazida pela professora, também dialoga com o que Papalia e Martorell (2021, p. 345) refletem sobre o uso dessas mídias, ao explicar que

[...] essas ferramentas são uma fonte de perigos. Primeiramente, o risco de exposição a material nocivo ou inadequado. Além disso, os estudantes precisam aprender a avaliar criteriosamente a informação encontrada no ciberespaço e a separar fatos de opiniões e de publicidade. Finalmente, um foco no “conhecimento visual” poderia desviar os recursos financeiros de outras áreas do currículo.

Sobre a possibilidade de complementar o currículo escolar com conteúdos midiáticos, a professora mostrou-se convicta do potencial desse recurso, colocando que: *“Sem sombras de dúvidas, isso pode tornar as aulas mais intuitivas, trazer aos alunos o conteúdo e, às vezes, até reforçar o que estou ensinando. Serve como um exemplo visual.”* Esse comentário ressalta a contribuição das mídias digitais para o processo de ensino, especialmente no que diz respeito à exemplificação prática e à contextualização de temas que, de outra forma, poderiam parecer abstratos para as crianças.

Além disso, a professora apontou conteúdos que considera particularmente relevantes no ambiente escolar: *“Vídeos que ensinam sobre valores, como respeito, amizade, paciência, essas coisas...”* Sua visão reflete a importância de integrar o desenvolvimento de competências socioemocionais ao currículo, utilizando as mídias televisivas como um veículo para trabalhar questões éticas e relacionais com os alunos.

Quando questionada sobre estratégias para aproveitar o interesse dos alunos em televisão e mídias digitais, sugeriu uma abordagem sistemática: *“Seria criando momentos específicos para eles assistirem, uma coisa que estivesse na rotina deles.”* Essa ideia apresentada pela professora, demonstra a necessidade de planejar o uso desses recursos dentro de um cronograma que permita sua integração equilibrada ao planejamento pedagógico.

Ao concluir a entrevista, a professora reafirmou o potencial das mídias audiovisuais no contexto escolar: *“Eu acho que a televisão tem muito potencial.”* Sua fala sintetiza o entusiasmo e a confiança na capacidade transformadora desses recursos, desde que sejam utilizados com intencionalidade, cuidado e alinhamento com os objetivos educacionais, assim como indicado por Penteadó (2000), Guimarães (2002) e Napolitano (2021).

A análise dessa entrevista permite refletir sobre o papel estratégico das mídias televisivas (e digitais) na educação contemporânea. Elas oferecem um

meio de engajamento e aprendizado, mas demandam do professor habilidades para selecionar, contextualizar e mediar o conteúdo de forma a atender às necessidades dos alunos e aos objetivos do currículo (Napolitano, 2021). A experiência relatada pela professora destaca não apenas os benefícios desses recursos, mas também os desafios que elas apresentam, como a curadoria de materiais e a gestão do comportamento infantil.

Portanto, para que o uso de mídias televisivas (e digitais) alcance seu potencial no ambiente escolar, é essencial que os professores recebam formação e apoio para desenvolver práticas pedagógicas que integrem esses recursos de maneira crítica e reflexiva, assim como aponta Napolitano (2021). A experiência compartilhada pela professora reforça que, com planejamento adequado, a televisão (e as mídias digitais) podem se tornar aliadas fundamentais na construção de uma educação mais dinâmica, acessível e conectada às realidades dos alunos.

3.2 REFLEXÕES DO USO DA TELEVISÃO NA VISÃO DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO

A professora do 5º ano, com 12 anos de experiência no Ensino Fundamental, apresentou uma visão ampla e crítica sobre o uso de mídias televisivas (e digitais) em sala de aula. Sua prática reflete tanto o potencial pedagógico desses recursos quanto os desafios enfrentados pelos educadores para integrá-los de forma eficaz no cotidiano escolar.

Quando questionada sobre a frequência com que utiliza conteúdos midiáticos em suas aulas, ela afirmou: "*Uso, sempre que possível. Normalmente passo filmes, mais como um complemento ou quando eles têm algum tempo livre. Deixa eles menos dispersos, ligo a TV e eles ficam assistindo.*" Essa abordagem revela que, para a professora, os conteúdos audiovisuais são utilizados de maneira mais ocasional, muitas vezes como um recurso para gestão do comportamento ou como um complemento às atividades regulares. Essa utilização reflete uma das formas mais comuns de inserção de mídias em sala de aula, mas também aponta para a necessidade de planejamento

intencional para explorar todo o potencial pedagógico desses recursos, assim como reflete Guimarães (2002) e Magalhães (2007).

Ao avaliar o impacto da televisão no aprendizado, a professora destacou a importância do uso planejado: "*Depende da forma que ela é usada. Eu acho que pode ser proveitoso, usado de forma planejada. Um filme bem escolhido, acompanhado de uma discussão ou atividade reflexiva, desse jeito, pode ser que se tenha proveito.*" Essa reflexão evidencia que a mediação do professor é essencial para transformar o conteúdo midiático em uma experiência significativa de aprendizado, promovendo reflexões e discussões que extrapolam o simples consumo passivo de informação. Pois,

As crianças não são bobas. São seres inteligentes, com vontade própria. Reagem a estímulos, são competentes para acumular conhecimento e relacionar informações, mesmo que pareçam estar apenas sentadas, vegetando diante da telinha. Dificilmente, um menino vai assistir a algum programa que não o interesse, a não ser que os pais determinem que ele veja televisão como forma de "não incomodar" (Rosenberg, 2008, p. 30).

Deste modo, a perspectiva de educomunicação, inserida nos ecossistemas comunicativos, busca transformar o ambiente escolar em um espaço democrático e colaborativo, segundo Soares (2014), "a convivência saudável passa a ser, definitivamente, a grande meta do projeto educacional". Essa abordagem se alinha à ideia de Papalia e Martorell (2021) sobre a influência da interação social no desenvolvimento da teoria da mente, que permite às crianças compreenderem múltiplas perspectivas e aprimorarem suas habilidades de comunicação.

Sobre o impacto mais amplo das mídias digitais no comportamento e aprendizado dos alunos, a professora apontou um dilema contemporâneo:

Eu vejo de duas formas. Por um lado, eles estão sempre ligados nas mídias, o que pode ser bom por causa do acesso a muitas informações. Mas, por outro, também pode não ser bom. Eu percebo que às vezes eles ficam mais impacientes e têm dificuldades em se concentrar quando são atividades longas (Professora Entrevistada B, 2024).

Essa dualidade ressalta tanto os benefícios do acesso à informação quanto os desafios que as mídias digitais trazem para a formação de habilidades como concentração e paciência, essenciais para atividades escolares mais estruturadas.

Entre os principais desafios enfrentados para integrar conteúdos midiáticos às aulas, a professora destacou questões de tempo e adequação do material: "*Encontrar tempo no planejamento para encaixar isso e também o de garantir que os conteúdos assistidos sejam apropriados.*" A gestão do tempo e a curadoria de materiais adequados são obstáculos recorrentes para educadores que buscam equilibrar o uso de mídias com outras demandas curriculares.

Quanto à possibilidade de complementar o currículo escolar, a professora afirmou: "*Creio que pode. Às vezes esses recursos podem despertar o interesse dos alunos de uma maneira que só o livro não consegue.*" Essa percepção sublinha o papel das mídias como instrumentos para captar o interesse dos estudantes e melhorar o aprendizado, especialmente ao abordar temas complexos que podem ser melhor compreendidos por meio de recursos visuais e audiovisuais.

A professora também identificou os documentários como um dos conteúdos mais relevantes para o ambiente escolar: "*O conteúdo que eu mais vejo relevância para trazer aprendizado e ensinamento são os documentários, mas nem todas as crianças gostam de assistir.*" Apesar do potencial educativo desse formato, o desafio de engajar os alunos em conteúdos mais densos demonstra a necessidade de estratégias didáticas que tornem os documentários mais atrativos e conectados ao universo infantil.

Ao ser questionada sobre estratégias para aproveitar o interesse dos alunos em televisão e mídias digitais, a professora confessou: "*No momento, não consigo pensar em nada que possa ser utilizado como estratégia.*" Essa resposta reforça a importância de capacitar os docentes para utilizarem esses recursos de maneira pedagógica, ampliando suas possibilidades de aplicação e impacto no aprendizado.

Por fim, a professora expressou uma necessidade fundamental: "*Eu gostaria que houvesse mais formação para os professores sobre como usar esse tipo de ferramenta de forma mais pedagógica. A gente acaba aprendendo muito na prática, mas se tivesse mais suporte, seria muito bom.*" Essa declaração reflete uma lacuna significativa na formação inicial e continuada dos educadores,

que muitas vezes precisam aprender sozinhos a incorporar as tecnologias às suas práticas pedagógicas.

Napolitano (2021) adverte que nas atuais condições de trabalho que os professores estão, é quase impossível, realizar um plano de preparação e abordagem mais sistemático e articulado aos objetivos gerais de integração do currículo escolar. Assim, ele destaca que para romper com essa barreira, é necessário que o uso da televisão em sala de aula, seja uma estratégia interdisciplinar e em conjunto.

Na medida em que os professores enfrentam juntos as questões surgidas, as próprias disciplinas envolvidas acabam por fornecer os recursos teóricos e metodológicos necessários para equacionar os problemas, além de dinamizar a abordagem e o trabalho com a classe (Napolitano, 2021, p. 24).

As reflexões dessa entrevista evidenciam que, embora as mídias televisivas (e digitais) apresentem uma grande capacidade para favorecer o processo de ensino-aprendizagem, seu uso exige planejamento, mediação e suporte técnico e pedagógico. A experiência da professora destaca a importância de um olhar crítico sobre a integração desses recursos, considerando tanto os benefícios quanto os desafios.

Dessa forma, seria possível transformar o que hoje é frequentemente usado como um recurso complementar ou auxiliar em meio para o ensino, conectando conteúdos curriculares ao cotidiano dos alunos de maneira significativa (Guimarães, 2002).

Assim, verifica-se que a implementação de formações específicas para docentes, voltadas ao uso pedagógico de mídias televisivas e digitais, possui o potencial de expandir as possibilidades de aplicação desses recursos em sala de aula. Além disso, tais formações podem oferecer suporte na superação de desafios recorrentes, como o engajamento dos alunos, a curadoria criteriosa de materiais adequados e a gestão eficiente do tempo pedagógico.

Dando sequência a essa discussão, o capítulo seguinte traz as percepções e práticas de estudantes (do 1º e 5º ano) que emergem no cotidiano das salas de aula.

4. CAPÍTULO III – PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

A pesquisa, de caráter qualitativo e com foco em uma abordagem participativa, envolveu diretamente alunos das turmas do 1° e 5° ano. A pesquisa participante é apropriada para este estudo, pois envolve diretamente os sujeitos da pesquisa (professores e alunos) no processo investigativo, promovendo um ambiente colaborativo e reflexivo. Postulando que a pesquisa participante deve necessariamente englobar a totalidade da realidade concreta que caracteriza a vida cotidiana dos próprios sujeitos individuais e coletivos envolvidos no processo investigativo, abrangendo suas diversas dimensões e interações sociais e culturais (Brandão; Borgues, 2007).

A coleta de dados incluiu observações em sala de aula, rodas de conversa com os estudantes e atividades que exploravam o uso da televisão no cotidiano escolar. Antes do início das atividades, foi obtido o consentimento informado dos alunos e de seus responsáveis, garantindo transparência nos objetivos do projeto e nos procedimentos metodológicos adotados.

Quadro 2: Atividades desenvolvidas nas salas durante a pesquisa de campo.

Atividades para desenvolvimento em sala
Dia 1 - Rodas de Conversa com as crianças
Integrar a visão das crianças sobre o uso da televisão.
Atividade a desenvolver: Organizar um encontro onde as crianças possam compartilhar suas experiências televisivas, onde as crianças apresentem o que aprendem e como interagem com a TV (programação), com o intuito de facilitar um diálogo sobre o tema. (Obs.: levar papel e lapis de cor para fazer uma dinâmica, onde as crianças irão desenhar seus desenhos favoritos.)
Dia 2 - Sessões de Visualização Crítica de Programas de TV
Perceber os pensamentos críticos sobre os programas educativos que as crianças assistem.

<p>Atividade a desenvolver: Escolher programas televisivos educativo para as crianças assistirem. Após a exibição, realizar uma roda de conversa para discutir:</p> <ul style="list-style-type: none"> * É possível aprender com um programa de TV?; * Se sim, que elas (crianças) aprenderam com esses programa?; * Como esse aprendizado acontece?; * Como os conteúdos se conectam com o que aprendem na escola.
<p>Dia 3 - Comparação: Televisão vs. Realidade</p>
<p>Perceber como as crianças identificam as diferenças entre realidade e ficção, além de desenvolver a compreensão crítica dos conteúdos televisivos.</p>
<p>Atividade a desenvolver: Exibir trechos de programas de TV que representem situações da vida cotidiana (como relações familiares, escola, amizades), depois, pedir às crianças que comparem as situações vistas na TV com suas próprias experiências, discutindo o que é real e o que é fictício. Isso com o intuito de ajudar a desenvolver a habilidade de discernimento crítico.</p>
<p>Dia 4 - Debates sobre Temas Apresentados na TV</p>
<p>Perceber o desenvolvimento de habilidades de comunicação e reflexão crítica.</p>
<p>Atividade a desenvolver: Organizar um debate sobre os temas apresentados em um programa de televisão (como meio ambiente, amizade, bullying). As crianças poderão após a exibição, discutir diferentes perspectivas do tema, em um debate mediado.</p>

Fonte: Autor (2024).

Durante as rodas de conversa, os estudantes participaram de sessões de visualização crítica de programas televisivos, seguidas de discussões em grupo para refletirem sobre as mensagens e comportamentos apresentados. Essas atividades foram realizadas gradualmente ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro, proporcionando um ambiente participativo e colaborativo que favoreceu o aprofundamento na compreensão das percepções das crianças sobre o tema.

4.1 EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DE 1º ANO

As experiências realizadas com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental buscaram compreender como crianças de 6 a 7 anos interagem com conteúdos televisivos, analisando sua capacidade de assimilação, reflexão e comunicação em contextos mediados. Cada atividade foi cuidadosamente planejada para

abordar diferentes aspectos do uso da televisão na educação, desde o estímulo à reflexão sobre temas apresentados na programação até a distinção entre realidade e ficção.

A seguir, os relatos apresentados detalham as atividades realizadas, as percepções das crianças e as reflexões sobre os resultados obtidos, evidenciando o uso da televisão como recurso em ambientes escolares.

4.1.1 Dia 1 - Rodas de Conversa com as crianças

A experiência realizada com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I, composta por 25 alunos, dos quais 21 participaram da atividade, proporcionou uma análise reveladora sobre as percepções e interesses das crianças em relação ao uso da televisão. O principal objetivo da atividade foi explorar como este meio se relaciona com o cotidiano infantil, especialmente no contexto de transformações trazidas pelas novas tecnologias digitais.

A atividade foi dividida em duas etapas. Na primeira, realizou-se uma roda de conversa para incentivar os alunos a compartilharem suas experiências e preferências relacionadas à televisão. Nesse momento, os estudantes descreveram o que costumam assistir e como interagem com os conteúdos midiáticos em um ambiente acolhedor e descontraído. Já na segunda etapa, os alunos participaram de uma dinâmica de desenho, utilizando lápis de cor e papel para ilustrar seus programas ou personagens favoritos.

Os resultados dessas atividades evidenciaram uma mudança significativa nos hábitos de consumo midiático das crianças, ao decorrer do tempo. Durante a roda de conversa, poucos alunos mencionaram desenhos animados tradicionais como seus programas favoritos, enquanto a maioria relatou preferir vídeos de *gameplay* e conteúdos criados por influenciadores digitais, consumidos majoritariamente no *YouTube*. Essa preferência destaca um afastamento do formato tradicional de televisão em direção a plataformas digitais, onde o conteúdo é mais diversificado, acessível e personalizado.

A análise dos desenhos reforçou essa percepção. Muitos alunos representaram personagens ou cenários relacionados a jogos eletrônicos e

influenciadores digitais, enquanto poucos escolheram figuras associadas a desenhos animados clássicos da televisão. Mesmo entre os desenhos mencionados, os personagens costumam estar disponíveis em plataformas digitais, como serviços de *streaming* ou o próprio *YouTube*. Esses resultados refletem o impacto da ampla acessibilidade às mídias digitais e a personalização do consumo midiático infantil.

Essa experiência revelou uma transição importante no uso e na percepção da televisão entre crianças do 1º ano. O aparelho de TV, embora ainda presente no cotidiano infantil, não é mais utilizado como um meio exclusivo para assistir a programação tradicional. Em vez disso, ele funciona como um meio para acessar plataformas digitais, onde as crianças têm controle sobre o que, quando e como assistir.

Esse cenário traz implicações relevantes para a educação e para a relação das crianças com as mídias. Primeiro, reforça a necessidade de repensar o papel da televisão (e das plataformas digitais) na formação cultural e educacional das crianças (Guimarães, 2002). Os conteúdos que atraem as novas gerações estão cada vez mais relacionados a experiências interativas, como vídeos de *gameplay* e produções de influenciadores digitais, que dialogam diretamente com o universo infantil e suas demandas por inovação, dinamismo e interação.

Ao mesmo tempo, essa transformação apresenta desafios para educadores e pais, visto que,

[...] os pais conferem grande responsabilidade à televisão na formação de seus filhos. Apesar de serem de diferentes níveis sócio-econômicos e culturais, todos anseiam por uma TV de alto nível, que informe e divirta, mas que também os ajude a compreender o mundo em que vivem e gere valores positivos. [...] Ou seja, eles querem uma TV que estimule a curiosidade, a busca do conhecimento, o senso crítico da criança e, assim, prepara-la para o futuro (Fort, 2005, p. 84, 85).

Nessa perspectiva, a preferência por conteúdos digitais pode ser vista como uma oportunidade para integrar as mídias ao processo educativo de forma criativa e significativa. Por outro lado, exige uma postura crítica em relação ao consumo midiático, uma vez que nem todos os conteúdos disponíveis são adequados ou benéficos para o desenvolvimento das crianças (Rosenberg, 2008). É crucial que educadores desenvolvam estratégias para mediar o acesso

às mídias, promovendo reflexões sobre os valores e mensagens transmitidos por esses conteúdos (Napolitano, 2021).

A experiência com a turma de 1º ano também sugere que as práticas pedagógicas precisam acompanhar as mudanças nas preferências e nos hábitos das crianças. Incorporar conteúdos digitais e mídias interativas às atividades escolares pode não apenas captar o interesse dos alunos, mas também criar pontes entre o universo tecnológico e o aprendizado. Atividades como a análise crítica de vídeos ou a criação de conteúdos pelos próprios estudantes podem estimular competências como pensamento crítico, criatividade e trabalho em equipe.

Conclui-se deste dia, que o consumo midiático infantil está em constante transformação, marcado pela ascensão de plataformas digitais e pela diversidade de conteúdos online. Essa realidade demanda que educadores e pais assumam um papel ativo na orientação e no aproveitamento desses meios, utilizando-as de maneira a incrementar a formação integral das crianças. O desafio está em equilibrar as oportunidades oferecidas pelas novas mídias com a responsabilidade de educar crianças para um consumo consciente e crítico, integrando-as de forma construtiva ao contexto escolar.

4.1.2 Dia 2 - Sessões de Visualização Crítica de Programas de TV

Nesta experiência do dia 2, conduzida com uma turma de crianças de 6 a 7 anos teve como objetivo explorar a percepção crítica sobre programas televisivos educativos, avaliando o impacto do conteúdo midiático no aprendizado e na interação das crianças com a televisão. Para a atividade, foi exibido o episódio "De onde vem o sal?", do programa educativo De Onde Vem (TV PinGuim, 2012). Este episódio foi escolhido por sua abordagem lúdica e informativa, que explora a origem do sal de maneira curiosa e acessível, adaptada às capacidades cognitivas do público infantil.

Após a exibição, foi realizada uma roda de conversa estruturada para incentivar as crianças a refletirem sobre o que aprenderam. A atividade buscou

identificar a assimilação do conteúdo, as mensagens principais do episódio e possíveis conexões entre o programa e os temas abordados no contexto escolar.

Os resultados foram animadores no que diz respeito à assimilação do conteúdo apresentado. Antes da atividade, a maioria das crianças desconhecia que o sal é extraído do mar, no entanto, ao término da exibição, todos foram capazes de explicar, com clareza, o processo apresentado no programa, demonstrando uma compreensão sólida da mensagem transmitida. Além disso, as crianças reconheceram o valor educativo do episódio, destacando que a televisão pode servir como um recurso para o aprendizado, assim como garante Rezende (1989) e Penteado (2000).

No entanto, um aspecto intrigante emergiu ao aprofundar a discussão, quando questionadas sobre como a televisão contribui para o aprendizado, as crianças tiveram dificuldade em elaborar respostas claras, frequentemente desviando-se para tópicos tangenciais, como programas favoritos ou experiências pessoais relacionadas à televisão. Esse comportamento revelou uma limitação reflexiva típica dessa faixa etária. Pois as crianças nessa idade, são incentivadas a responder com ações, em vez de palavras, demonstrando desta forma, uma compreensão mais avançada, o desenvolvimento dessa habilidade nas crianças pode ser mais precoce e complexo (Papalia e Martorell, 2021).

Embora consigam absorver informações e identificar mensagens principais, as crianças ainda não desenvolvem plenamente a capacidade de compreender os mecanismos de aprendizado mediado por tecnologias audiovisuais. Mesmo sabendo que a distinção entre aparência e realidade começa a se desenvolver nas crianças por volta dos 5 ou 6 anos (Papalia e Martorell, 2021).

Outro ponto significativo foi a concentração observada durante a exibição do programa. O episódio, com sua narrativa envolvente e elementos visuais lúdicos, conseguiu captar e manter a atenção das crianças do início ao fim. Esse engajamento reforça o potencial de programas educativos que utilizam histórias cativantes para transmitir informações complexas de forma acessível,

especialmente em uma fase em que a curiosidade é uma característica predominante do desenvolvimento infantil.

Essa experiência revelou um potencial educativo da televisão para crianças pequenas, especialmente quando o conteúdo é cuidadosamente escolhido e adaptado às suas necessidades e interesses. A televisão, enquanto meio audiovisual, demonstrou ser eficaz na introdução de conceitos novos e na ampliação do repertório de conhecimento das crianças (Guimarães, 1999).

Entretanto, a dificuldade das crianças em refletir criticamente sobre os processos de aprendizado aponta para a necessidade de mediação pedagógica. O professor desempenha um papel essencial como facilitador do pensamento crítico, ajudando os alunos a identificar como as informações são organizadas e apresentadas, e a compreender os mecanismos que tornam a televisão um recurso de ensino. Essa mediação não apenas potencializa o impacto educativo da televisão, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas desde cedo.

Em conclusão, a atividade alcançou seu objetivo principal, promovendo aprendizado e reflexão inicial sobre programas educativos. No entanto, os resultados também sugerem que práticas pedagógicas complementares são indispensáveis para estimular o pensamento crítico e aprofundar a relação das crianças com as mídias. Dessa forma, a integração de conteúdos audiovisuais no ambiente escolar pode ir além do aprendizado imediato, proporcionando um impacto mais duradouro no desenvolvimento cognitivo e educacional das crianças.

4.1.3 Dia 3 - Comparação: Televisão vs. Realidade

A experiência do 3º dia, o objetivo principal foi explorar como crianças de 6 a 7 anos distinguem entre realidade e ficção ao assistir a programas televisivos, e, além disso, buscou-se desenvolver a capacidade de análise crítica ao abordar temas que conectam conteúdos fictícios com questões do cotidiano. A atividade consistiu na exibição do curta-metragem animado "O Toque de Ouro" (Walt

Disney, 1935), que narra a história do Rei Midas e seu desejo pelo ouro, levando-o a lidar com as consequências de sua ganância.

Após a exibição, foi realizada uma roda de conversa em que as crianças foram incentivadas a refletir sobre as situações retratadas no desenho e compará-las com suas próprias experiências e percepções. O diálogo visava identificar se elas conseguiam diferenciar os elementos fictícios da narrativa daqueles que poderiam estar relacionados à realidade cotidiana, como as relações humanas e as emoções.

A história de Midas, apesar de ser apresentada em um contexto fantasioso e repleto de elementos mágicos, trouxe questões complexas, como o impacto da ganância e a valorização excessiva de bens materiais. Durante a discussão, as crianças demonstraram habilidade em reconhecer aspectos fictícios, como a existência de um "toque dourado" ou a presença de personagens mágicos, como o elfo Goldie. Elas conseguiram relacionar esses elementos com o gênero dos contos de fadas, mostrando que entendem que esse tipo de narrativa não representa a realidade.

Entretanto, emergiram desafios relacionados à compreensão mais profunda da mensagem do desenho, especialmente no que diz respeito ao tema da ganância. Algumas crianças não compreenderam plenamente o conceito, enquanto outras tiveram dificuldade em identificar como esse comportamento poderia se manifestar na vida real.

Isso revela uma limitação no repertório cognitivo e emocional típico dessa faixa etária, sugerindo que, embora as crianças absorvam as histórias e sejam capazes de distinguir a ficção, elas ainda precisam de mediação para interpretar criticamente temas abstratos. De acordo com Papalia e Martorell (2021), a partir dos 3 anos, elas reconhecem a diferença entre algo invisível e algo imaginário, compreendendo o faz de conta como uma atividade intencional, o pensamento mágico, comum nessa idade, é mais uma forma de explicar eventos inexplicáveis ou se divertir com o imaginário do que uma confusão entre fantasia e realidade. Essa tendência diminui ao final da primeira infância

A estrutura narrativa do desenho animado exposto, que segue uma progressão clara das ações de Midas e suas consequências, foi eficaz em captar

a atenção das crianças. Elas participaram ativamente da discussão, destacando elementos que as impressionaram, como a transformação de objetos e até alimentos em ouro. Esse envolvimento reflete o poder das histórias visuais em estimular o engajamento e a curiosidade, tornando-os recursos no processo de ensino e aprendizado. Apesar disso, a experiência evidenciou a necessidade de ampliar o papel do educador como mediador, a compreensão das crianças sobre o conceito de ganância, por exemplo, poderia ser aprofundada por meio de exemplos práticos ou discussões direcionadas. Explicações adicionais sobre como o desejo excessivo por bens materiais pode afetar as relações humanas e a qualidade de vida ajudariam a conectar o aprendizado ao contexto social e cultural das crianças (Penteado, 2000).

Essa atividade também reforçou a relevância da televisão como uma plataforma educativa, especialmente quando os conteúdos selecionados são alinhados às capacidades e interesses das crianças. Entretanto, a simples exibição de programas não é suficiente para promover o desenvolvimento crítico, o diálogo estruturado e a conexão do conteúdo fictício com situações reais são fundamentais para ampliar o impacto pedagógico. Nesse sentido, Carmona (2009, p. 66) salienta que

Vemos uma discussão nesse sentido, mas o tema é complicado, pois não se tem clareza ou opinião definitivas sobre a influência da TV nas crianças. Porém, sabemos que essa influência é grande, é envolvente e, sendo assim, deveria haver produção e programação que levasse em conta as crianças como um público especial. Elas têm um alto grau de elaboração, tanto que aprendem e imitam o que vêem. A TV deveria estar atenta para essa influência, porém isso não acontece.

Ao concluir a atividade, nota-se que, a experiência com o desenho "O Toque de Ouro" demonstrou, que embora as crianças sejam capazes de identificar diferenças entre realidade e ficção, o entendimento de temas mais abstratos, como a ganância, ainda é limitado. Essa limitação ressalta a importância do uso de práticas pedagógicas que estimulem não apenas o aprendizado de fatos, mas também o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas, a televisão nesse contexto, pode ser uma aliada, desde que utilizada com intencionalidade e acompanhada de mediação educativa.

4.1.4 Dia 4 - Debates sobre Temas Apresentados na TV

Com o objetivo de promover habilidades de comunicação, reflexão crítica e diálogo colaborativo, a experiência do dia 4 envolveu a realização de um debate mediado com crianças do 1º ano, utilizando como ponto de partida o episódio "Troca Troca" da série animada chamada Historinha de Dragões (Futura, 2000). O episódio narra a história de dois irmãos, Max e Emília, que são transportados para a mágica "Terra dos Dragões", aonde conhecem dragões que enfrentam desafios de convivência e empatia. Mais especificamente, o episódio aborda Zak e Zica, dragões siameses de personalidades opostas, que, ao experimentarem uma troca de consciência por meio de um artefato mágico, aprendem a valorizar as diferenças e a importância da empatia.

Após a exibição do episódio, foi organizado um debate com as crianças, incentivando-as a identificar e discutir os temas apresentados na animação. Com perguntas abertas e estímulos do mediador, o pesquisador conduziu o grupo a explorar tópicos como amizade, convivência e empatia. Apesar da tenra idade, as crianças demonstraram um entendimento inicial sobre os temas, conectando-os às suas próprias vivências e relacionando-se com os desafios enfrentados pelos personagens.

O tema da empatia destacou-se como um ponto central da discussão. Embora o conceito fosse abstrato para a faixa etária, uma interação marcante ocorreu quando um aluno, buscando clarificar o tema, perguntou: "Então empatia é quando a gente se coloca no lugar do outro?". Essa pergunta revelou uma compreensão emergente e significativa do conceito, ainda que simplificada, evidenciando o potencial da atividade para fomentar uma reflexão inicial sobre valores e atitudes.

A abordagem narrativa do episódio, com personagens cativantes e uma trama lúdica, foi essencial para captar a atenção das crianças e facilitar o envolvimento no debate. A combinação de elementos mágicos e desafios cotidianos, como o respeito às diferenças, permitiu que as crianças assimilassem as mensagens apresentadas de maneira intuitiva, conectando-as ao seu universo de experiências.

Contudo, a complexidade do tema apresentou limitações na profundidade das discussões, embora as crianças tenham identificado a importância de "se colocar no lugar do outro" e respeitar as diferenças, as reflexões ficaram restritas a exemplos mais concretos, como "ajudar os amigos" ou "ser gentil", essa limitação, natural para a faixa etária, ressalta a importância de uma mediação ativa do educador, que pode introduzir exemplos práticos e contextos mais amplos para aprimorar a discussão. Vale ressaltar que,

Obviamente, a incorporação deste tipo de fonte não pressupõe que o professor se torne um crítico de cinema, TV ou música. Mas, se ele deseja otimizar seu trabalho, é importante pensar num plano básico de formação, que pode ser expandido conforme a disponibilidade do professor (Napolitano, 2021, p. 43).

A atividade também destacou o valor da televisão como recurso pedagógico, especialmente quando programas selecionados apresentam temas relevantes de forma acessível e envolvente. A narrativa do episódio "Troca Troca" demonstrou como o entretenimento pode servir como ponto de partida para debates que promovam valores essenciais, como a empatia e a convivência.

Essa experiência reforçou a necessidade de integrar práticas mediadas ao uso de conteúdos televisivos em sala de aula. As crianças, especialmente em idades precoces, beneficiam-se de contextos guiados que possibilitam a ampliação de suas compreensões sobre temas complexos. Ao estruturar debates mediados, o educador não apenas estimula o desenvolvimento da comunicação, mas também introduz conceitos éticos e sociais de forma significativa e alinhada às capacidades cognitivas do grupo (Gilliom, 1971).

Em conclusão da atividade realizada, o debate baseado no episódio de Historinha de Dragões demonstrou que crianças dessa faixa etária conseguem, com orientação adequada, identificar temas como empatia e amizade e relacioná-los a suas próprias experiências. Ainda que as reflexões tenham se mantido em um nível inicial, a atividade foi bem-sucedida em fomentar habilidades de comunicação e desenvolver uma base para o pensamento crítico. Essa experiência também ressalta o papel crucial do professor como mediador, capaz de transformar conteúdos midiáticos em recursos pedagógicos para o aprendizado colaborativo e o desenvolvimento de valores humanos.

4.2 EXPERIÊNCIA COM UMA TURMA DE 5º ANO

As experiências realizadas com a turma do 5º ano do Ensino Fundamental apresentaram objetivos semelhantes aos das atividades aplicadas à turma do 1º ano, entretanto, os resultados obtidos revelaram diferenças significativas. Esses contrastes podem ser atribuídos tanto à faixa etária das crianças, compreendida entre 9 e 11 anos, quanto à adaptação das atividades para abordar aspectos mais complexos do consumo midiático, ajustando-se ao nível de desenvolvimento dos participantes.

A seguir, são apresentados relatos detalhados das atividades desenvolvidas, bem como as percepções manifestadas pelas crianças e as reflexões emergentes a partir das interações realizadas.

4.2.1 Dia 1 - Rodas de Conversa com as crianças

A experiência realizada com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental teve como objetivo investigar as preferências e o uso da televisão entre crianças dessa faixa etária, ampliando a compreensão sobre como o consumo midiático evolui ao longo dos anos escolares. A análise incluiu comparações com os hábitos observados em turmas do 1º ano, buscando identificar mudanças nos interesses e na relação das crianças com a televisão e outros meios digitais.

A atividade foi organizada em duas etapas principais, assim como a aplicada no 1º ano. Na primeira, uma roda de conversa foi conduzida, oferecendo aos alunos a oportunidade de compartilhar informações sobre seus programas favoritos, o tempo dedicado à televisão e como esse meio se insere em suas rotinas. Em seguida, os alunos participaram de uma dinâmica de desenho, na qual ilustraram seus personagens, programas ou conteúdos prediletos, permitindo uma análise visual que complementou os relatos orais.

Durante a roda de conversa, ficou evidente que os alunos do 5º ano apresentam um maior nível de consciência e habilidade para articular suas escolhas de mídia. Os relatos foram mais detalhados, com explicações claras

sobre suas preferências. Um tema recorrente foi o interesse por animes, mencionados pela maioria dos alunos como seus programas favoritos. Embora animes sejam tradicionalmente transmitidos pela televisão, muitos alunos relataram consumi-los em plataformas digitais, como serviços de *streaming*.

Além dos animes, os alunos demonstraram um interesse significativo em conteúdos relacionados às redes sociais. Muitos mencionaram influenciadores digitais e *youtubers* como parte integrante de seu consumo midiático, reforçando a ideia de que a televisão, embora ainda relevante, atua como um complemento ao acesso online. Vídeos sobre hobbies específicos, como jogos e artes, também foram mencionados, refletindo um consumo midiático mais diversificado e direcionado aos interesses individuais.

A análise dos desenhos confirmou essas tendências. Os alunos dedicaram maior atenção aos detalhes e frequentemente representaram personagens de animes ou figuras associadas a influenciadores digitais. Essa observação sugere que, à medida que as crianças crescem, suas escolhas de mídia tornam-se mais específicas e complexas, refletindo interesses mais amadurecidos em comparação aos alunos do 1º ano, que tenderam a optar por conteúdos mais lúdicos e voltados ao universo infantil.

A experiência revelou, ainda, um aspecto importante sobre a função híbrida da televisão, para os alunos do 5º ano, a televisão não é apenas um meio de consumo passivo, mas também um ponto de partida para explorar conteúdos digitais. Essa transição reforça o impacto das tecnologias digitais na vida das crianças, que passam a usar a televisão como um recurso complementar para acessar conteúdos mais amplos e variados.

A programação televisiva é um produto cultural ainda relativamente recente. Seu surgimento data de meados do século XX. Nesse intervalo de tempo, ela se converteu em um produto praticamente indispensável, sobretudo nos lares brasileiros. Tal fato pode ser medido pelo lugar de destaque que ela ocupa dentro destes lares (Migliora, Santos e Néri, 2008, p.150).

A experiência observada no 5º ano ilustra como a televisão, ao longo de seu desenvolvimento histórico, transcendeu o papel de simples entretenimento e se tornou uma ferramenta multifacetada. Conforme apontado por Migliora, Santos e Néri (2008), a televisão ocupa um lugar central nos lares brasileiros,

funcionando como um elo cultural, reforçando sua relevância na contemporânea. Esse movimento evidencia como a televisão continua se adaptando às mudanças tecnológicas e às novas dinâmicas de aprendizado, tornando-se um recurso não apenas de acesso, mas também de mediação e ampliação do conhecimento.

Ao concluir do dia, os resultados indicam que, na transição para o 5º ano, as crianças desenvolvem maior autonomia e senso crítico em relação às mídias que consomem. A televisão continua a desempenhar um papel importante, mas sua relevância está cada vez mais atrelada à interação com o ambiente digital. Essa evolução destaca a necessidade de educadores e pais compreenderem e acompanharem as mudanças nos hábitos midiáticos das crianças, aproveitando esses interesses para promover aprendizagens significativas e reflexões críticas sobre os conteúdos consumidos.

4.2.2 Dia 2 - Sessões de Visualização Crítica de Programas de TV

O consumo de conteúdos audiovisuais por crianças representa uma dimensão relevante para estudos sobre educação e desenvolvimento cognitivo. A interação com mídias digitais tornou-se parte integrante do cotidiano infantil, influenciando suas aprendizagens, comportamentos e percepções de mundo. Abordando esta experiência realizada com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, focando em como crianças entre 9 e 11 anos interpretam conteúdos audiovisuais educativos e não educativos, destacando sua compreensão, envolvimento e impactos.

A experiência consistiu na exibição do episódio "Por que alguns animais comem cocô?" do programa Minuto da Terra (2018), disponível no *YouTube*. O programa combina animação digital, humor e informação científica para tornar conceitos complexos acessíveis ao público juvenil. Após a exibição, realizou-se uma roda de conversa para estimular reflexões sobre o conteúdo assistido, sua relevância para o aprendizado escolar e seu impacto na visão das crianças sobre programas educativos.

As crianças participaram de forma espontânea e ativa, demonstrando alto nível de compreensão e interesse. Destacaram que o uso de animações e ilustrações facilitou o entendimento. Uma aluna comentou: "Acho que o fato de ter ilustração, ser um desenho, é mais fácil entender", observação amplamente apoiada pelos colegas. Essa percepção confirma o potencial do audiovisual como recurso pedagógico quando estruturado para promover engajamento e compreensão.

O poder e a influência da TV só podem ser revertidos em conhecimento escolar na medida em que o uso da TV em sala de aula seja a consequência de um conjunto de atividades e reflexões partilhadas (o que não invalida as eventuais iniciativas individuais) (Napolitano, 2021, p. 25).

Durante a discussão, a maioria das crianças relatou assistir a conteúdos educativos ocasionalmente, geralmente em contextos escolares ou como apoio ao estudo para provas. Alguns alunos mencionaram que mesmo programas de entretenimento podem oferecer lições significativas. Um exemplo citado foi o anime *Naruto*, através do qual uma criança aprendeu sobre perseverança e a importância de não desistir de seus sonhos.

Um ponto preocupante emergiu quando várias crianças mencionaram assistir a filmes de terror, muitos deles com cenas de violência e assassinato explícito, com classificação indicativa acima de sua idade. Algumas admitiram consumir esses conteúdos de forma clandestina, enquanto outras relataram assisti-los na companhia de familiares. Relatos de pesadelos e medo do escuro foram associados a essa prática, indicando possíveis impactos negativos desse tipo de consumo. Segundo Bastos (1988, p. 41),

Os estudos de Himmelweit verificaram que as crianças reagem diferentemente diante das cenas violentas. Aquelas mostradas de maneira realística, pelos filmes do gênero policial, com assassinatos e crimes, provocam mais reações de medo que a violência estereotipada [...]. Outros filmes que despertavam pavor em muitas crianças eram os de terror e os de ficção científica. [...] O fato de assistir aos programas na obscuridade ou sozinhos tornava as cenas de violência mais dramáticas.

No contexto analisado, os pesadelos e o medo do escuro mencionados pelas crianças evidenciam os potenciais efeitos negativos desse tipo de exposição. Esses dados reiteram e reforçam as observações de Bastos (1988) acerca das reações infantis a conteúdos violentos. Deste modo, se faz

necessária a supervisão mais criteriosa por parte das famílias no que diz respeito ao consumo midiático infantil e juvenil, especialmente diante do impacto psicológico que determinados gêneros podem causar.

A experiência, também revelou que programas educativos bem elaborados são meios para promover o aprendizado, especialmente quando utilizam recursos audiovisuais criativos e envolventes. No entanto, o consumo não mediado de conteúdos inadequados destaca a necessidade de maior supervisão e orientação por parte de pais e educadores. Todavia,

Considerar a formação de um telespectador crítico como uma tarefa exclusiva dos pais esbarra em algumas dificuldades objetivas. Depois de um dia de trabalho, depois do jantar, quase sempre tardio, depois do inevitável balanço do cotidiano doméstico ao qual se integram as frustrações e as poucas realizações do trabalho, tudo o que os pais aspiram é estabelecer e assegurar seus espaços nos lares, nos limites do telejornal e da telenovela. Não é de se esperar que eles estejam dispostos e interessados em discutir, com seus filhos, programas de tevê (Rezende; Rezende, 1989, p. 85).

Promover uma cultura de consumo midiático mais consciente e crítico requer esforços conjuntos entre famílias, escolas e produtores de conteúdo. Estratégias como o desenvolvimento de competências midiáticas nas crianças e o fortalecimento de práticas de mediação parental podem minimizar impactos negativos e maximizar os benefícios educacionais (Bastos, 1988).

A experiência realizada com a turma de 5º ano mostrou que conteúdos audiovisuais educativos podem estimular o aprendizado e o desenvolvimento crítico das crianças, desde que sejam apresentados de maneira acessível e criativa. Contudo, também evidenciou desafios relacionados ao consumo descontrolado de conteúdos inadequados. Para uma relação saudável com a mídia, é fundamental uma abordagem educativa integrada, que valorize tanto o entretenimento quanto o aprendizado, orientando as crianças para uma interação mais crítica e consciente com o mundo audiovisual.

4.2.3 Dia 3 - Comparação: Televisão vs. Realidade

A experiência realizada no 3º dia com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental teve como objetivo explorar a relação entre televisão e realidade,

buscando desenvolver a capacidade das crianças de discernir entre situações fictícias e acontecimentos do mundo real. A atividade consistiu em exibir um episódio de um programa de TV que retrata situações da vida cotidiana, como relações familiares, escola e amizades, e, em seguida, promover uma discussão comparativa. O programa escolhido foi "O Incrível Mundo de Gumball", do canal norte-americano de televisão *Cartoon Network* (2015), especificamente o episódio intitulado "Depressão".

O episódio começa com Darwin e Ricardo batendo na porta do quarto de Gumball, expressando raiva. Nicole e Anais se juntam a eles, até que Gumball grita: "Não!". Quando sua família entra no quarto, ele mostra seu rosto mal-humorado e declara que está de mau humor. A família tenta animá-lo, mas Gumball se irrita ainda mais e ordena que todos o deixem em paz. De repente, sua família desaparece.

Inicialmente, Gumball se diverte sozinho, brincando com blocos de montar e fingindo ser um monstro gigante que aterroriza uma cidade fictícia. Ele joga uma das figuras de blocos no vaso sanitário e, mais tarde, tenta se animar assistindo televisão e cantando uma canção. No entanto, seu mau humor persiste. Na tentativa de recriar a rotina familiar, Gumball cozinha o jantar e age como se estivesse rodeado por seus entes queridos, mas nada parece funcionar.

Em busca de companhia, ele sai de casa e descobre que é a última pessoa na Terra, já que todos os moradores de Elmore desapareceram, incluindo sua família. A cidade começa a se transformar, com os nomes das lojas mudando e uma escuridão ameaçadora se aproximando. Gumball é forçado a fugir e retornar para casa, onde a escuridão o envolve completamente.

Antes de ser consumido pela escuridão, Gumball se lembra de um conselho dado por seu pai no início do episódio. Subitamente, Darwin aparece e a escuridão desaparece, revelando que sua família está de volta. Descobre-se que Gumball estava alucinando devido ao seu estado emocional. Anais sugere contar a verdade para ele, mas Nicole decide poupá-lo da vergonha, lembrando de um flashback que revela que a família estava presente em Elmore o tempo todo enquanto Gumball vivia suas alucinações.

Após a exibição do episódio, foi promovida uma discussão com as crianças, que conseguiram identificar elementos fictícios e reais nas situações apresentadas. Elas reconheceram que, embora a história seja claramente fantasiosa, muitos sentimentos e conflitos retratados são familiares e possíveis na vida real.

Algumas crianças compartilharam experiências pessoais, mencionando que já se sentiram como o protagonista ou conhecem alguém que passou por situações semelhantes. Essa análise mostrou que elas são capazes de reconhecer padrões e simbolismos presentes na animação e relacioná-los a suas próprias vivências, demonstrando uma compreensão crítica sobre os conteúdos televisivos (Duarte, 2008).

4.2.4 Dia 4 - Debates sobre Temas Apresentados na TV

A experiência realizada no 4º dia com a turma de 5º ano do Ensino Fundamental teve como objetivo debater temas apresentados na televisão, estimulando o desenvolvimento de habilidades de comunicação, reflexão crítica e aprendizagem colaborativa. A atividade foi estruturada em torno de um debate mediado sobre tópicos relevantes explorados em um programa de TV, como meio ambiente, amizade e bullying. O desenho animado selecionado para essa atividade foi "Doug", do canal norte-americano de televisão, *Nickelodeon* (1991), especificamente o episódio "Doug Pega um Saposauro!".

Nesse episódio, a família Funnie acaba de se mudar de Bloatsburg para sua nova casa na cidade de Bluffington. Doug Funnie, um garoto de 11 anos, expressa suas preocupações e pensamentos em seu diário, especialmente seu medo de não conseguir fazer amigos na nova cidade. Durante uma missão para encontrar comida para sua família, Doug conhece seu vizinho Sr. Dink, que lhe mostra um vídeo sobre Bluffington e o apresenta ao restaurante local "Honker Burger". Ao visitar o restaurante, Doug faz amizade com Skeeter Valentine e desenvolve uma paixão secreta por Patti Maionese. No entanto, também encontra dificuldades ao se deparar com Roger Klotz, um valentão que o engana,

fazendo-o acreditar que precisa capturar um monstro chamado Sapossauro na Lagoa Stinsen para ser considerado um herói na cidade.

A exibição do episódio serviu como ponto de partida para o debate entre os alunos, que rapidamente identificaram temas como amor adolescente, bullying, mudanças e o início de novas amizades. Essas questões ressoaram profundamente com as crianças, levando-as a compartilhar experiências pessoais relacionadas aos tópicos discutidos. Muitos relatos emergiram, demonstrando como o desenho animado despertou memórias e sentimentos vividos pelos estudantes em suas próprias jornadas de vida.

A estrutura de debate incentivou os alunos a se concentrarem na identificação de conceitos presentes na narrativa do desenho, analisando como essas situações se conectam com suas vivências. A mediação do debate promoveu uma visão mais reflexiva, permitindo que as crianças interpretassem o conteúdo de maneira crítica e colaborativa, fortalecendo suas habilidades de comunicação e expressão. (Magalhães, 2007)

O exercício mostrou que programas televisivos podem ser um meio para estimular discussões significativas e proporcionar aprendizagens quando acompanhados de orientação adequada (Bastos, 1988).

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas realizadas com as professoras revelam perspectivas complementares e desafios comuns sobre o uso de televisão e mídias digitais no contexto escolar, ambas destacaram o potencial educativo desses recursos, mas suas práticas refletem abordagens diferentes, a professora que possui três anos de experiência, utiliza diariamente vídeos e conteúdos digitais como parte de sua rotina pedagógica, especialmente no momento de acolhida, para criar um ambiente receptivo e engajar os alunos desde o início do dia, já a professora do 5º Ano, com doze anos de experiência, adota um uso mais ocasional, utilizando mídias como complemento às atividades ou para gestão do comportamento, mas sempre com a preocupação de planejar intencionalmente sua aplicação.

As professoras concordaram sobre os impactos positivos das mídias no aprendizado, elas observaram que conteúdos audiovisuais podem engajar os alunos, contextualizar temas e estimular a imaginação e criatividade (Pacheco, 1995).

A professora, do 1º Ano, destacou o papel das histórias animadas na construção do vocabulário infantil, enquanto a do 5º Ano, mencionou que filmes bem escolhidos e acompanhados de discussões podem ser altamente proveitosos. Contudo, ambas manifestaram preocupações com os impactos negativos, como agitação, dificuldade de concentração e impaciência dos alunos, consequências do consumo frequente de mídias fora do ambiente escolar.

Outro ponto de convergência foi a necessidade de curadoria cuidadosa dos materiais, a professora, do 1º Ano, mencionou sua prática de verificar previamente os vídeos do *YouTube*, garantindo a adequação ao contexto escolar, por sua vez, a do 5º Ano, valorizou documentários como um recurso educativo, embora reconheça que nem todos os alunos demonstram interesse por esse formato.

Esse desafio destaca a importância do papel do professor como mediador, capaz de selecionar conteúdos apropriados e adaptá-los ao universo dos estudantes. Papalia e Martorell (2023) abordam a mediação no contexto familiar, sugerindo que os pais desempenham um papel fundamental ao controlar o tempo de televisão, selecionar programas apropriados para a faixa etária e assistir aos conteúdos junto aos filhos, o que pode aumentar os benefícios da mídia, no entanto, ao considerar que a maior parte do dia das crianças é passada na escola, é possível estender essa ideia para o ambiente escolar, reconhecendo que o conteúdo pedagógico também atua como um mediador importante no desenvolvimento das crianças.

Ambas as professoras mencionaram a necessidade de planejamento para integrar mídias de forma eficaz, a do 1º Ano, sugeriu criar momentos específicos na rotina escolar para o uso de conteúdos audiovisuais, enquanto a do 5º Ano, apontou a falta de tempo e a dificuldade de encaixar esses recursos no planejamento como barreiras significativas, o que é muito parecido com o que

Napolitano (2021, p. 47) reflete sobre a seleção de temas e do material-fonte, onde é necessário

[...] eleger um conjunto de temas, pesquisar e selecionar o material-fonte que vai constituir o corpo principal de atividades com o grupo de alunos. Neste momento corre-se o risco de cometer dois tipos de erro: a escolha aleatória de temas, ou a mera reiteração de temas já trabalhados por outros meios. [...] a seleção de temas deve ser articulada aos conteúdos já trabalhados, mas deve sugerir um enriquecimento e uma problematização destes conteúdos e não a sua mera reiteração, visando apenas sua fixação na memória.

Além disso, a professora mais experiente enfatizou a carência de formação específica para docentes, afirmando que muitas vezes os professores precisam aprender a usar esses recursos na prática, sem suporte técnico ou pedagógico adequado. Apesar dos desafios, as professoras enxergam nas mídias um grande potencial para aprimorar o currículo.

A professora, do 1º Ano, destacou o uso de vídeos que trabalham valores como respeito e amizade, evidenciando a contribuição das mídias para o desenvolvimento socioemocional. Já a professora, do 5º Ano, reconheceu que esses recursos podem despertar o interesse dos alunos de maneira que os livros nem sempre conseguem, especialmente ao abordar temas complexos que se beneficiam de exemplificação visual.

Essas reflexões apontam para a necessidade de formações continuadas que capacitem os professores a utilizar mídias digitais e televisivas de forma pedagógica. É fundamental que essas capacitações incluam aspectos técnicos, metodológicos e reflexivos, ajudando os educadores a planejar e integrar esses meios ao currículo de forma intencional. Além disso, iniciativas como a criação de bancos de materiais educacionais previamente selecionados poderiam facilitar a curadoria e garantir a qualidade dos conteúdos utilizados (Napolitano, 2021).

A experiência das professoras demonstra que a televisão e as mídias digitais têm o potencial de transformar o processo de ensino-aprendizagem, conectando os conteúdos escolares às vivências e interesses dos alunos. No entanto, para que isso ocorra, é imprescindível superar desafios como a falta de formação específica, a gestão do tempo e a necessidade de engajar os alunos de maneira significativa, com suporte adequado, esses recursos podem se tornar

aliadas na construção de uma educação mais dinâmica, acessível e conectada às realidades contemporâneas.

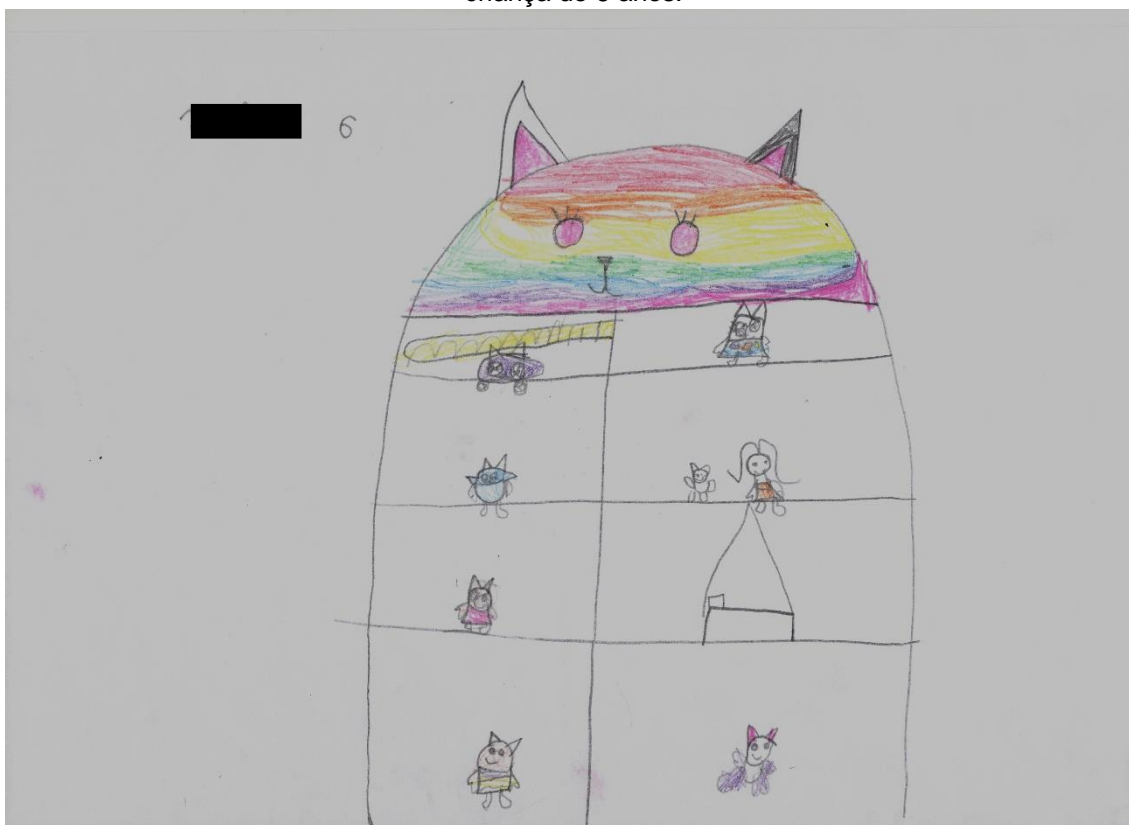
Ao trazer sobre os resultados das experiências realizadas com as turmas do 1º e do 5º ano do Ensino Fundamental, são reveladas as diferenças significativas nos padrões de consumo midiático, nas habilidades de reflexão crítica e nos níveis de engajamento com os conteúdos apresentados. Essas diferenças, claramente associadas às faixas etárias e ao nível de desenvolvimento das crianças, oferecendo informações sobre como a televisão (e os meios digitais) influenciam a formação cognitiva, social e emocional ao longo das etapas escolares.

Ao entendermos que desenvolvimento humano, especialmente na infância, é marcado por mudanças profundas nos âmbitos cognitivo, emocional e social.

Papalia e Martorell (2021) destacam que, durante a segunda infância (2 a 7 anos), o cérebro passa por um crescimento significativo, com aumento da densidade sináptica e mielinização, favorecendo avanços em memória, atenção e coordenação motora, nesse período, o pensamento simbólico se consolida, permitindo às crianças maior capacidade de representação mental, essencial para o desenvolvimento da linguagem e para as brincadeiras simbólicas, apesar disso, ainda enfrentam limitações cognitivas como o egocentrismo e a centração, o que restringe a consideração de múltiplas perspectivas.

No 1º ano, as crianças, com idades entre 6 e 7 anos, demonstraram um consumo midiático mais lúdico e voltado a conteúdos que privilegiam o entretenimento e a fantasia. Durante as atividades, como a roda de conversa e a dinâmica de desenhos, foi possível observar que as preferências estavam fortemente ancoradas em programas de televisão com personagens infantis e narrativas simples, como desenhos animados clássicos e programas educativos voltados ao público inicial. A ilustração abaixo revela a preferência de algumas crianças por desenhos animados fantasiosos, com personagens coloridos.

Figura 1: Ilustração da casa, do desenho “A Casa Mágica da Gabby”, produzida por uma criança de 6 anos.



Fonte: Autor (2024).

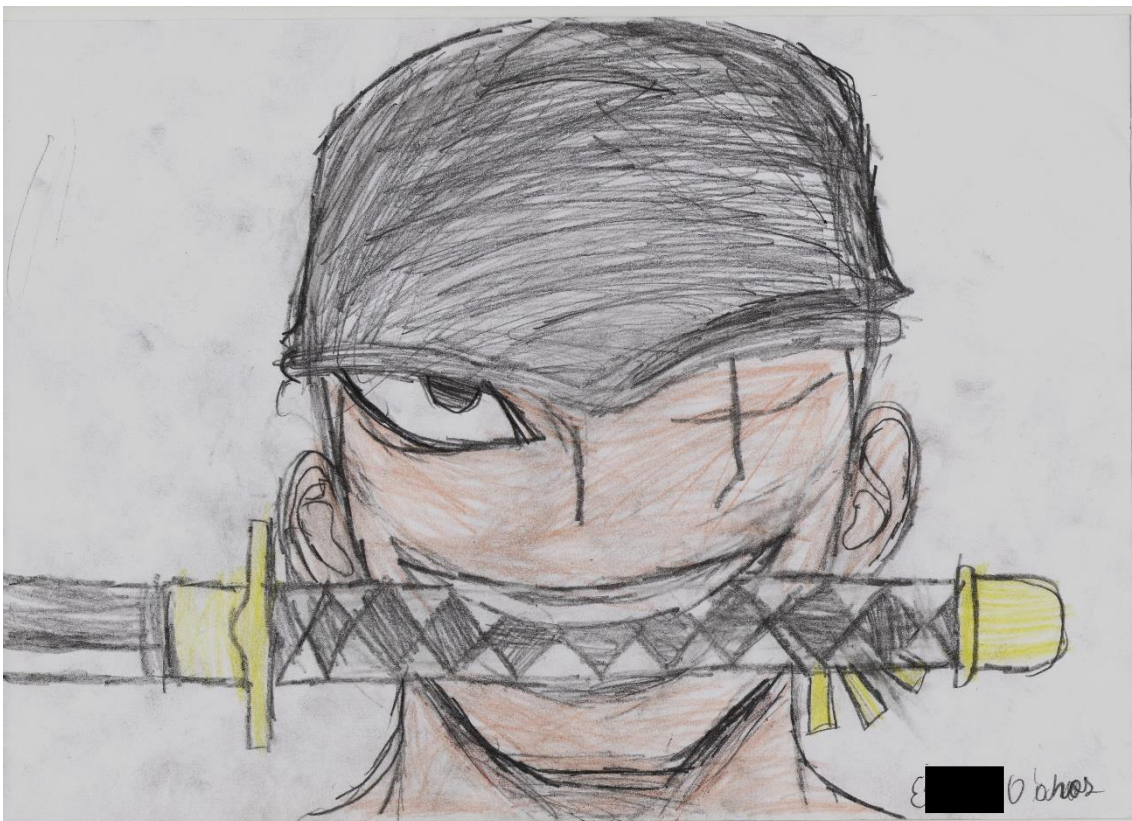
O nível de articulação verbal sobre suas escolhas era mais limitado, e a compreensão crítica sobre os conteúdos midiáticos ainda estava em desenvolvimento. Os desenhos produzidos pelas crianças reforçaram essas observações, evidenciando uma forte conexão emocional com personagens coloridos, engraçados e voltados à fantasia, como os de anime, conforme ilustrações a seguir.

Figura 2: Ilustração do personagem “Naruto”, protagonista do anime homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.



Fonte: Autor (2024).

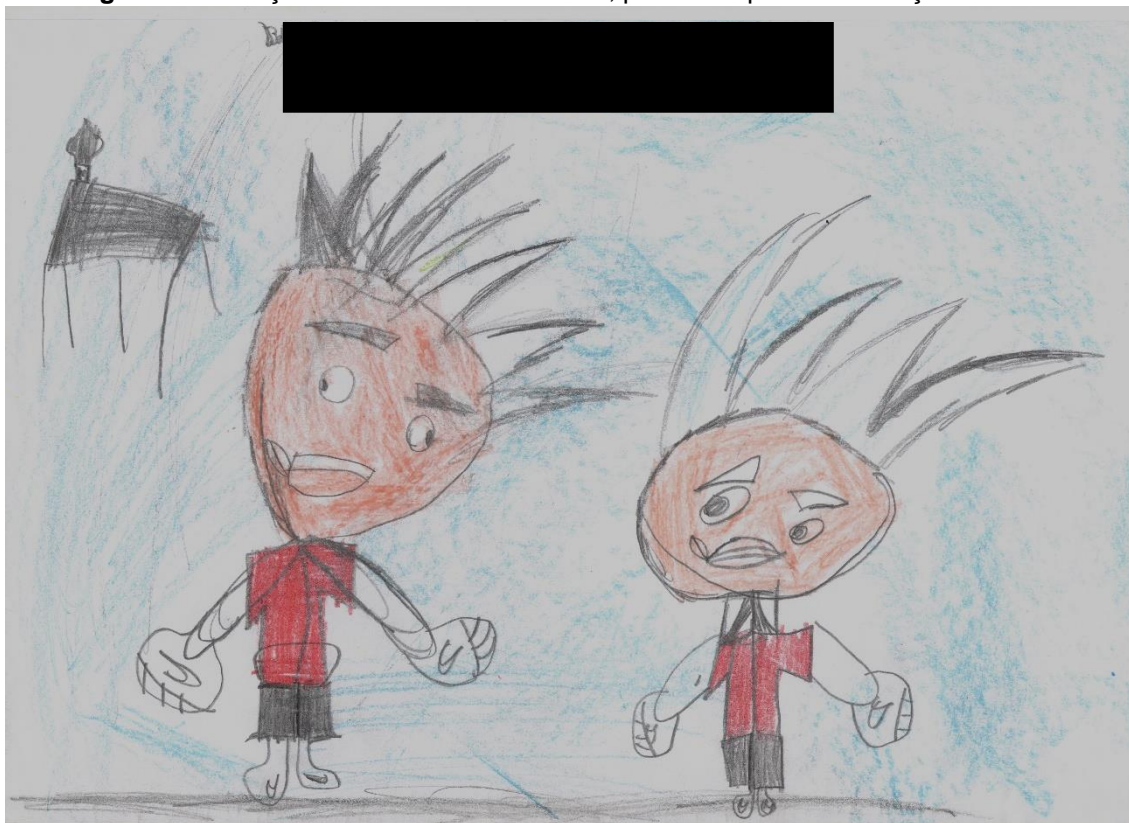
Figura 3: Ilustração do personagem “Zoro”, do anime “ONE PIECE”, produzida por uma criança de 10 anos.



Fonte: Autor (2024).

Já no 5º ano, com crianças de 9 a 11 anos, o consumo midiático apresentou maior diversidade e complexidade, houve uma transição clara da televisão como meio principal para um consumo mais híbrido, que inclui plataformas digitais e redes sociais. Na figura a seguir, é possível observar a preferência por influenciadores digitais, conforme ilustrado por uma criança.

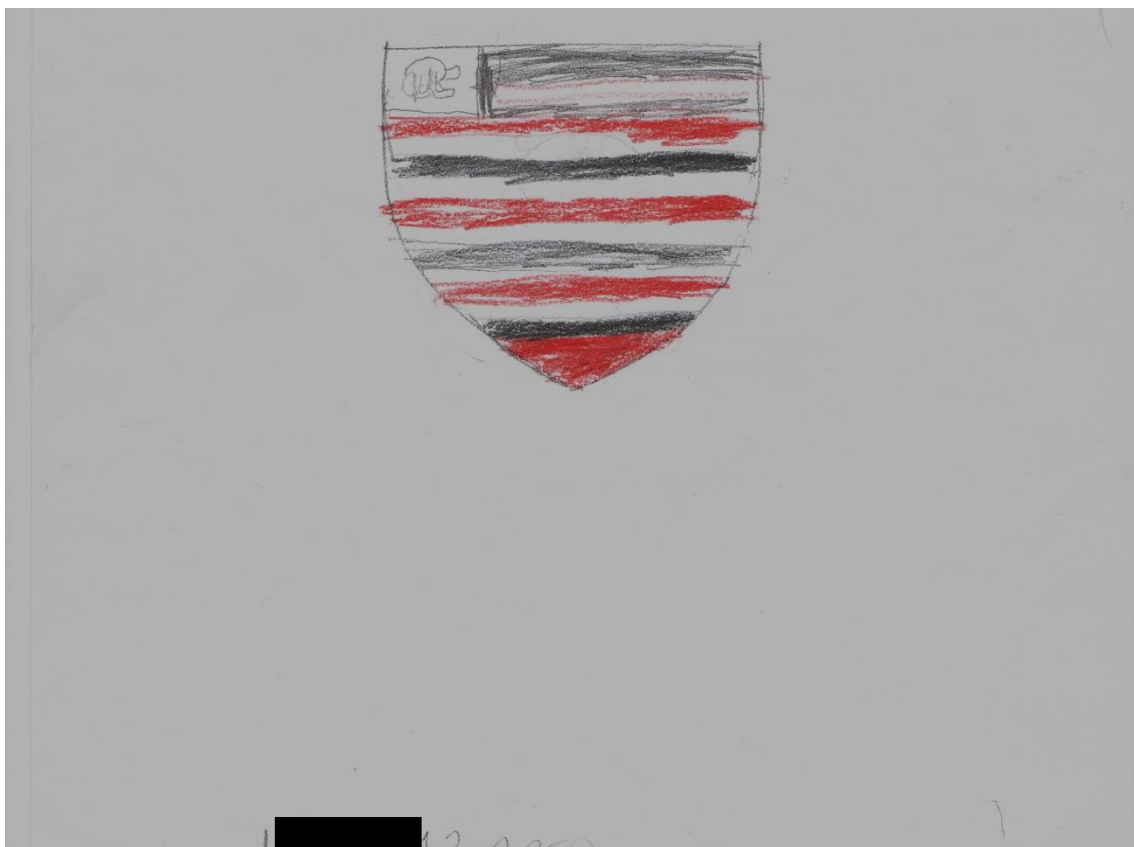
Figura 4: Ilustração do Youtuber “Enaldinho”, produzida por uma criança de 6 anos.



Fonte: Autor (2024).

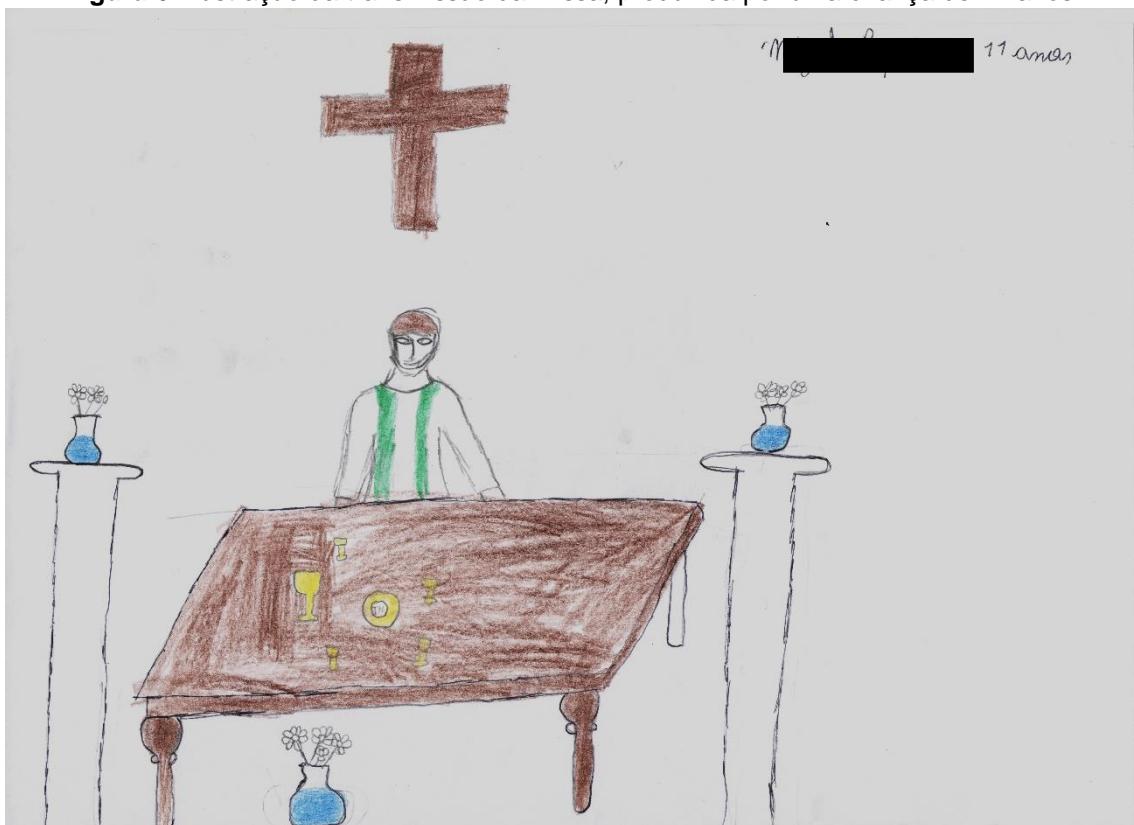
Os relatos indicaram um interesse crescente por animes e conteúdos de influenciadores digitais, mostrando como o consumo de mídia evolui para atender interesses mais específicos e maturados. Além disso, algumas exceções destacaram combinações curiosas, como conteúdo esportes e a missa transmitida na TV, refletindo a diversidade de vivências e contextos culturais presentes na turma. Conforme as ilustrações a seguir.

Figura 5: Ilustração do brasão do time de futebol “Flamengo”, produzida por uma criança de 12 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 6: Ilustração da transmissão da Missa, produzida por uma criança de 11 anos.



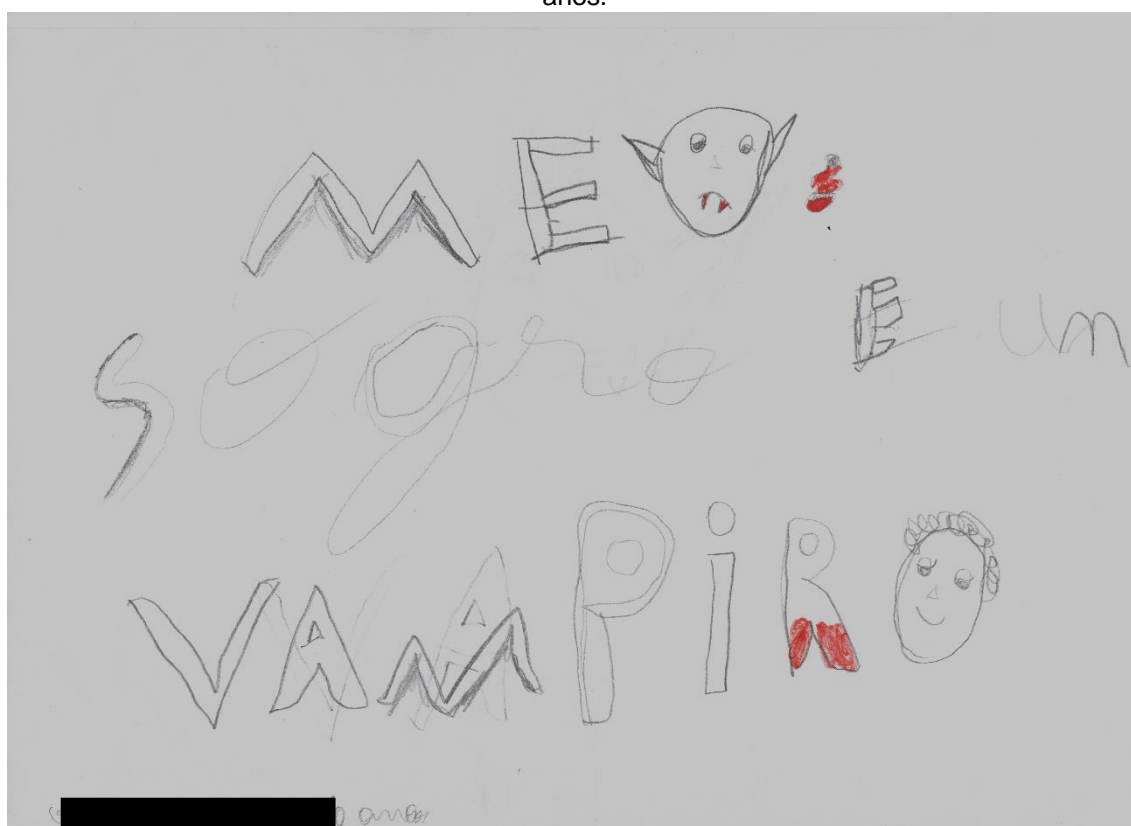
Fonte: Autor (2024).

As atividades realizadas evidenciaram maior autonomia e senso crítico em relação aos conteúdos assistidos, com as crianças apresentando argumentos mais elaborados e conexões mais profundas entre os programas e suas próprias vivências.

Nas rodas de conversa realizadas com ambas as turmas, foi perceptível que, enquanto as crianças do 1º ano atribuíam um valor predominantemente recreativo à televisão, as do 5º ano demonstraram reconhecer um papel educacional e reflexivo nos conteúdos assistidos, especialmente quando orientadas.

No entanto, também emergiram preocupações com o consumo não mediado de conteúdos inadequados, como filmes de terror, mencionados por alunos do 5º ano, evidenciando a necessidade de supervisão por parte de pais e educadores.

Figura 7: Ilustração do filme “Meu Sogro é um Vampiro”, produzida por uma criança de 10 anos.



Fonte: Autor (2024).

As atividades comparativas entre televisão e realidade também destacaram diferenças nos níveis de abstração e análise crítica. No 1º ano, as crianças tenderam a aceitar os conteúdos televisivos de forma literal, enquanto no 5º ano os alunos foram capazes de identificar simbolismos e discernir entre elementos fictícios e reais, relacionando-os a situações de seu cotidiano.

Essa habilidade mais desenvolvida no 5º ano foi especialmente evidente em atividades como o debate mediado, que estimulou reflexões mais profundas sobre temas como amizade, bullying e mudanças, temas explorados em programas selecionados.

Os resultados das experiências mostram que a televisão (e os meios digitais) desempenham papéis variados e complementares ao longo da infância, no 1º ano, ela é predominantemente uma fonte de entretenimento e fantasia, enquanto no 5º ano assume um papel mais híbrido, conectando as crianças a interesses específicos e ao aprendizado.

Essas descobertas reforçam a importância de ajustar as práticas educativas ao nível de desenvolvimento das crianças, usando conteúdos midiáticos como recursos para promover aprendizagens significativas, pensamento crítico e habilidades socioemocionais. Além disso, evidenciam a necessidade de uma mediação consciente, que permita explorar o potencial pedagógico da mídia, ao mesmo tempo em que protege as crianças de conteúdos inadequados (Rosenberg, 2008).

Portanto, ao articular os conceitos de desenvolvimento humano e ecossistemas comunicativos, percebe-se a importância de integrar práticas que favoreçam tanto o amadurecimento cognitivo quanto o fortalecimento das relações interpessoais. Um ambiente educacional, ao valorizar o diálogo e a criatividade, contribui para que o aprendizado escolar transcenda os conteúdos curriculares, promovendo o desenvolvimento integral dos indivíduos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidenciou a relevância das mídias televisivas (e digitais) no contexto educacional, destacando sua influência no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, a análise das turmas do 1º e do 5º ano do Ensino Fundamental revelou diferenças significativas nos padrões de consumo midiático, refletindo as particularidades de cada estágio de desenvolvimento. Ademais, observou-se uma transição no uso da televisão, que deixou de ser apenas um veículo de acesso à programação tradicional para se consolidar como uma porta de entrada para plataformas digitais e conteúdos online.

Essa mudança reflete a integração crescente entre os meios tradicionais e as novas tecnologias, ampliando as possibilidades de exploração pedagógica das mídias, o conteúdo assistido, portanto, não apenas diverge entre o 1º e o 5º ano em termos de interesses, mas também revela uma transição de escolhas mediadas por adultos para preferências mais independentes, moldadas pela crescente influência do ambiente digital.

Apesar dos avanços na compreensão dessas dinâmicas, algumas limitações da pesquisa merecem destaque, primeiramente, a análise restringiu-se às turmas do 1º e do 5º ano, o que excluiu outras etapas do Ensino Fundamental, como o 2º, 3º e 4º anos, limitando a possibilidade de traçar um panorama contínuo do desenvolvimento das habilidades midiáticas.

A faixa etária de 8 anos, em particular, ficou ausente, o que restringe a compreensão de uma etapa intermediária. Além disso, a pesquisa foi conduzida em uma única escola, impossibilitando a consideração de variáveis socioculturais, econômicas e regionais que poderiam trazer outras dinâmicas de resultados. Para ampliar e aprofundar os achados, futuras investigações poderiam abranger uma amostragem mais diversa, incluindo escolas públicas e privadas de diferentes contextos socioeconômicos, como áreas centrais, bairros afastados e regiões periféricas.

Essa abordagem comparativa pode oferecer novas perspectivas sobre como a televisão (e as mídias digitais) impactam o aprendizado em contextos

variados, além disso, a inclusão de uma maior variedade de anos escolares permitiria uma análise longitudinal mais sólida sobre as transformações do consumo midiático ao longo do Ensino Fundamental.

A ampliação do número de professores entrevistados, considerando diferentes níveis de experiência e realidades escolares, também seria uma contribuição significativa para enriquecer o entendimento das práticas pedagógicas relacionadas às mídias.

Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de práticas educativas inovadoras que integrem de forma consciente os conteúdos midiáticos aos currículos escolares. Assim, a preferência por conteúdos digitais e interativos, identificada especialmente no 5º ano, sugere que a introdução de elementos como animes, vídeos educativos e conteúdos relacionados a jogos eletrônicos pode ser uma estratégia eficaz para estimular o engajamento dos estudantes, ao mesmo tempo em que promove a aprendizagem, tais recursos devem ser adaptados às especificidades de cada faixa etária, respeitando os interesses e habilidades das crianças.

A mediação docente surge como um elemento essencial nesse processo, o papel do professor como curador de conteúdos é imprescindível para garantir que as mídias utilizadas estejam alinhadas aos objetivos pedagógicos e sejam adequadas ao contexto escolar, para tanto, destaca-se a importância de capacitações contínuas que abordem não apenas aspectos técnicos, mas também metodológicos e reflexivos, capacitando os educadores a planejar e integrar as mídias de forma intencional e eficaz.

Por fim, os achados desta pesquisa reforçam que as mídias televisivas (e, em alguns casos, as digitais também) podem ser recursos para a educação, conectando os conteúdos escolares às vivências contemporâneas das crianças. Contudo, para que o potencial educativo desses recursos seja plenamente realizado, é fundamental superar desafios como a falta de formação específica, as limitações de tempo para o planejamento e a necessidade de curadoria criteriosa, deste modo, a articulação entre práticas educacionais, diálogo constante e criatividade pode contribuir para a construção de uma educação mais dinâmica, acessível e conectada às realidades.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRIA, J. O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância. In: DUARTE, Rosália (org.). **A Televisão pelo olhar das crianças**. – São Paulo: Cortez, 2008.
- BASTOS, L. **A criança diante da TV: um desafio para os pais**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. (2007, jan./dez.). A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Educação Popular**, 6(1), 51- 62.
- CARMONA, B. Emissão Consciente e Recepção Crítica. In: PACHECO, E. D. (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: dilemas e diálogos**. – Campinas, SP: Papyrus, 1998. – (Coleção Papyrus e Educação).
- CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V.(orgs). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1999.
- CATUNDA, C.; MISTRORIGO, K. **De Onde Vem?**. TV Escola, 2001.
- COSTA, M. V. (org). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução Mauro Pinheiro. 1º ed.; 2º reimp. – São Paulo: Vestígio, 2022.
- DISNEY, W. **O Toque de Ouro**. Walt Disney Animation Studios. 1935.
- DUARTE, Rosália (org.). **A Televisão pelo olhar das crianças**. – São Paulo: Cortez, 2008.
- FORT, M. C. **Televisão educativa: a responsabilidade pública e as preferências do espectador**. 1. ed. – São Paulo: Annablume, 2005.
- GRAVES, M. **O Incrível Mundo de Gumball**. Cartoon Network, 2015.
- GILLIOM, B. O Professor de TV. In: BURKE, R. C (org.). **Televisão Educativa**. – São Paulo: Cultrix, 1971.
- GUIMARÃES, G. **TV e escola: discursos em confronto**. 4. ed – São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 74)
- REICH, H. **Minuto da Terra**. Youtube, set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-sISe4EP2ho>.
- REZENDE, A. L. M.; REZENDE, N. B. **A tevê e a criança que te vê**. 1. ed. – São Paulo: Cortez, 1989. – (Biblioteca da educação. Série 5. Estudos de linguagem; v. 2).

RODECKER, R.; COANE, J. **Historinhas de Dragões**. Futura, 2000.

ROSENBERG, B. **A TV Que Seu Filho Vê: como usar a televisão no desenvolvimento da criança**. 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2008.

JINKINS, J.; CAMPBELL, D. R. **Doug**. Nickelodeon, 1991.

MAGALHÃES, C. M. **Os programas infantis da TV: teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. – (Cultura, mídia e escola, 1)

MIGLIORA, R.; SANTOS, F. R.; NÉRI, G. G. O que as crianças pensam sobre os telejornais. In: DUARTE, Rosália (org.). **A Televisão pelo olhar das crianças**. – São Paulo: Cortez, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Salto para o Futuro: TV e Informática na Educação/Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998. 112 p. – (Série de Estudos).

NAPOLITANO, M. **Como Usar a Televisão Na Sala de Aula**. 8. Ed. – São Paulo: Contexto, 2021. – (Como usar na sala de aula)

PACHECO, E. D. A linguagem televisiva e o imaginário infantil. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 2, p. 43–48, 1995.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. São Paulo: Artmed, 2023.

PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. Uma pedagogia para os meios de comunicação (entrevista com Guillermo Orozco Gómez). **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 12, p. 77–88, 1998. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36360>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PENTEADO, H. D. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?**. 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24^o Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

REZENDE, A. L. **A tevê e a criança que te vê**. São Paulo: Cortez, 1989.

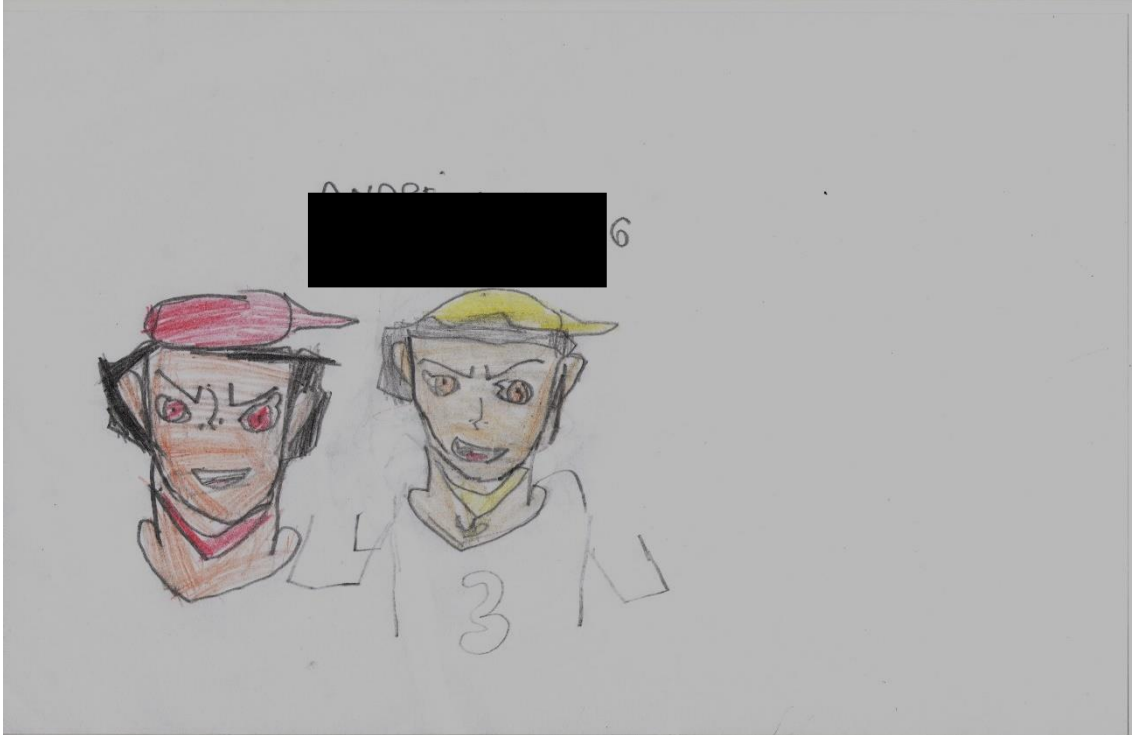
ROSENBERG, Bia. **A TV que seu filho vê**. 1^o ed. – São Paulo: Panda Books, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio** / Ismar de Oliveira Soares – São Paulo: Paulinas, 2011. – (Coleção educomunicação).

SOIFER, Raquel. **A criança e a TV: uma visão psicanalítica**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.

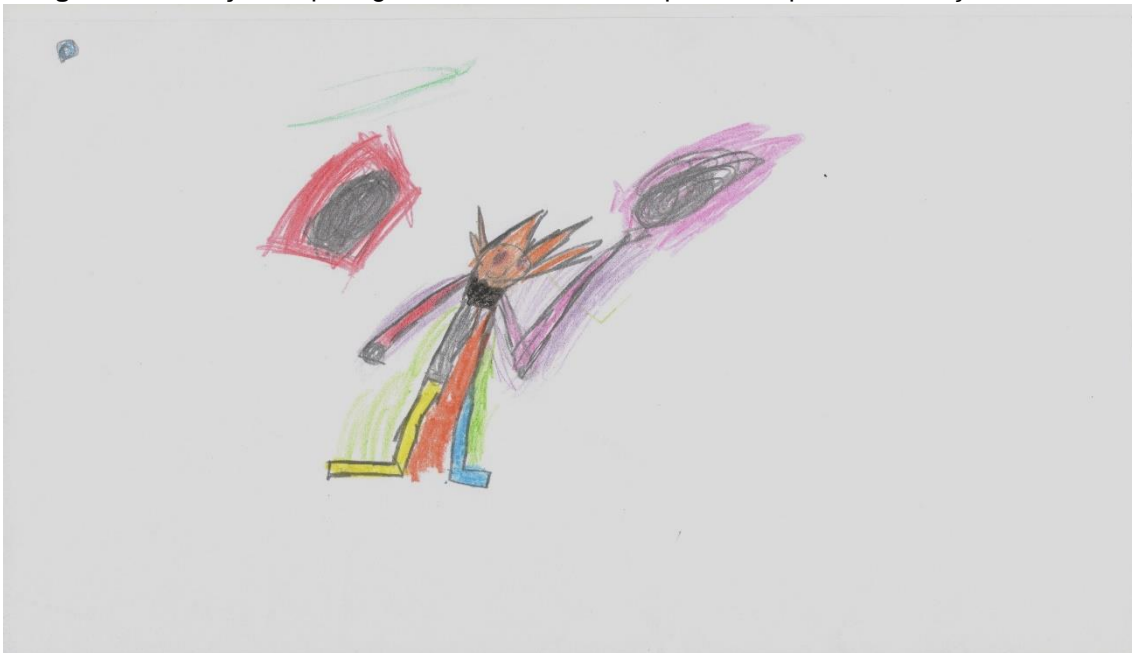
7. APÊNDICES

Figura 8: Ilustração do Youtuber “Enaldinho”, produzida por uma criança de 6 anos.



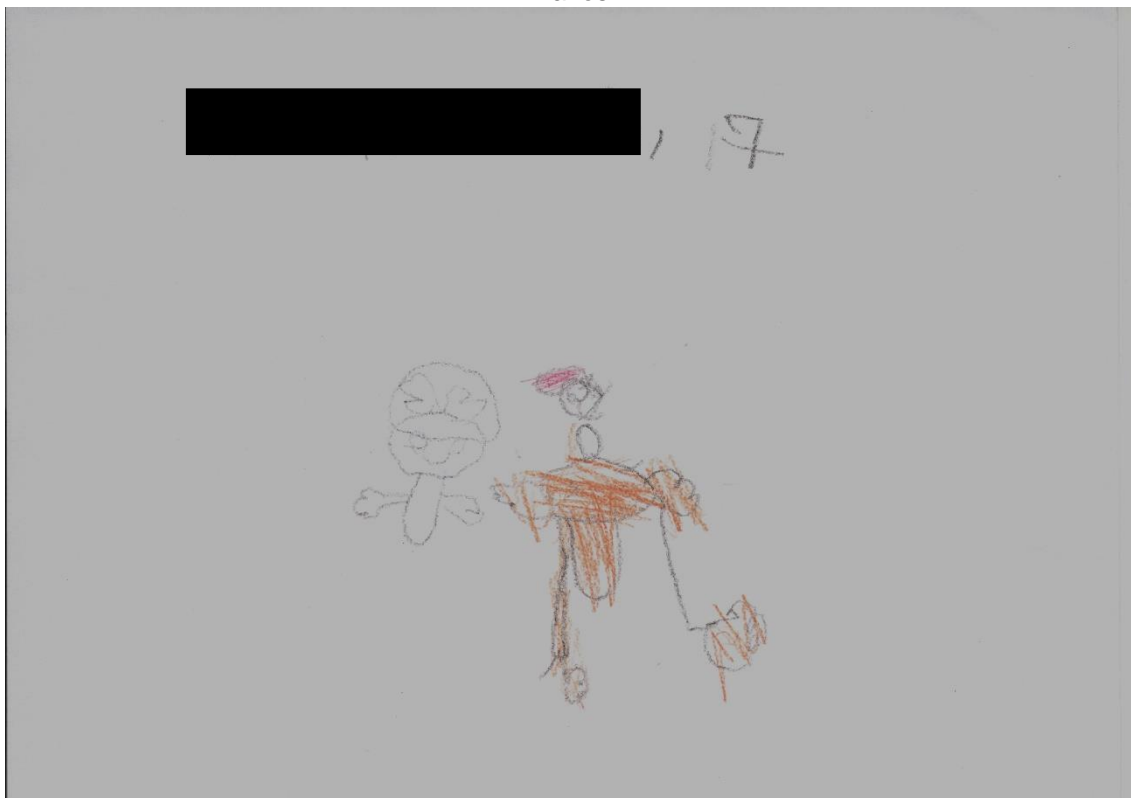
Fonte: Autor (2024).

Figura 9: Ilustração do protagonista do filme “Trolls”, produzida por uma criança de 6 anos.



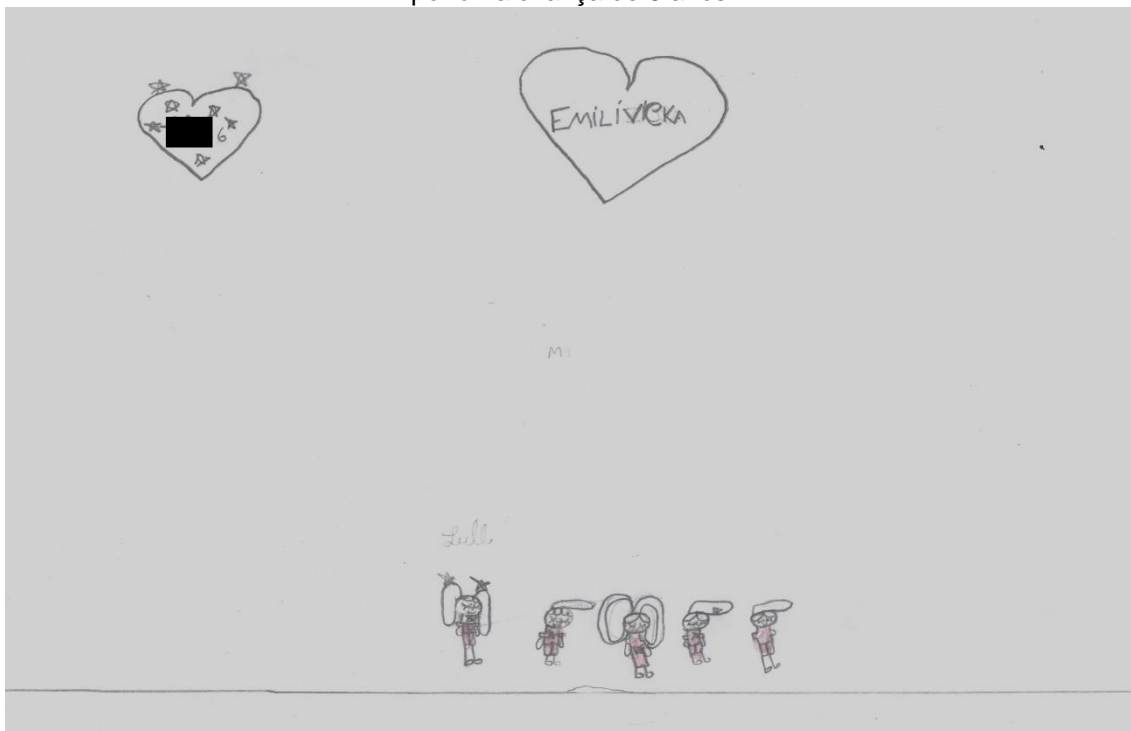
Fonte: Autor (2024).

Figura 10: Ilustração de um personagem, do anime “Pokemon”, produzida por uma criança de 7 anos.



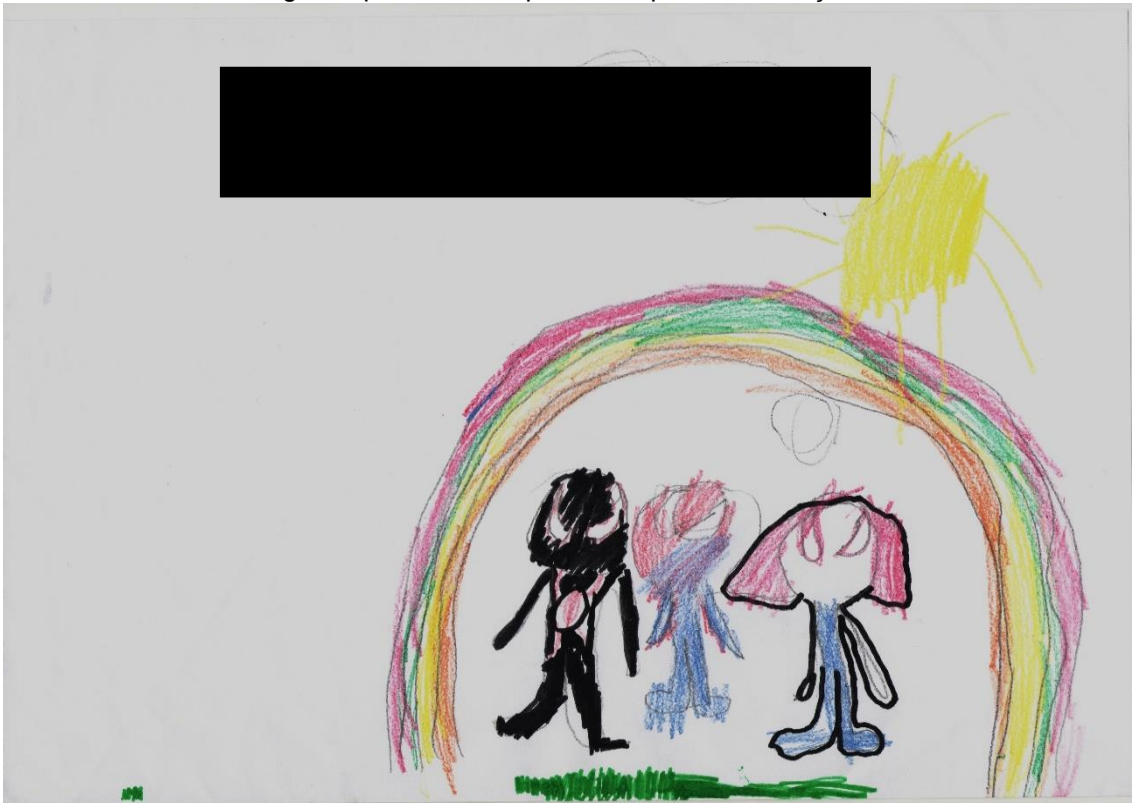
Fonte: Autor (2024).

Figura 11: Ilustração dos Youtubers “Emilly Vick, Leozinho, Katlen, Void e Robson”, produzida por uma criança de 6 anos.



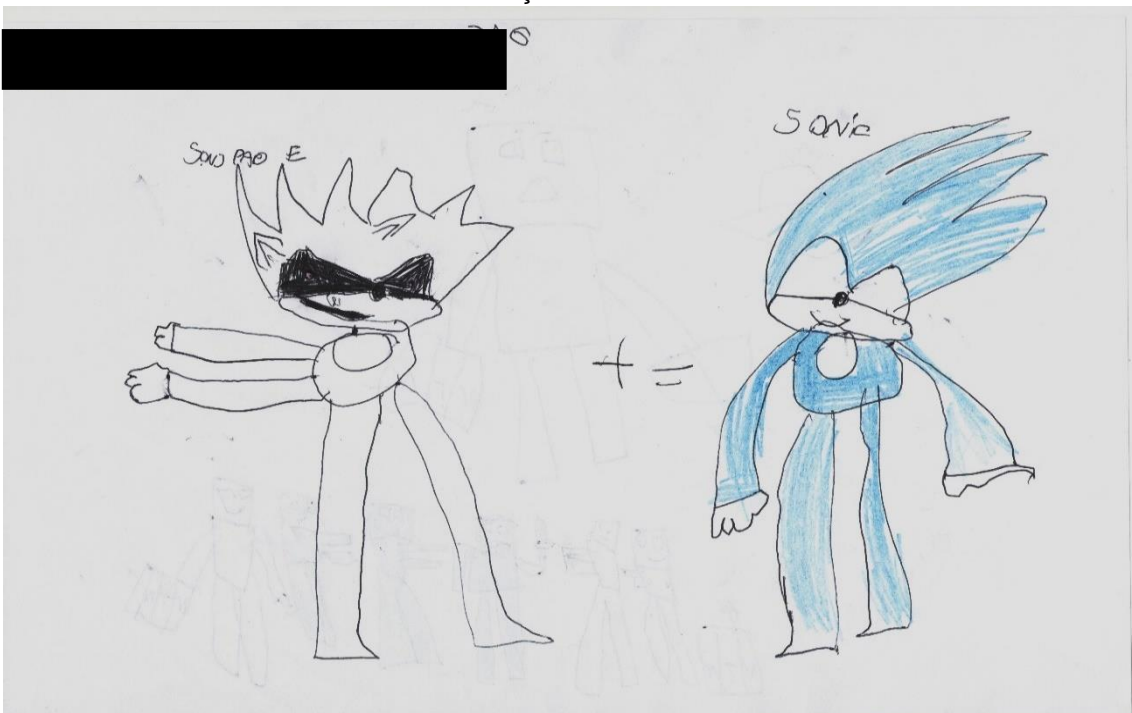
Fonte: Autor (2024).

Figura 12: Ilustração dos personagens Spidey, Spin e Ghost-Spider, do desenho “Spidey e Seus Amigos Espetaculares”, produzida por uma criança de 7 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 13: Ilustração do personagem “Sonic”, do desenho homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 14: Ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 7 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 15: Ilustração dos personagens do jogo "Minecraft", produzida por uma criança de 6 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 16: Outra ilustração dos personagens do jogo “Minecraft”, produzida por uma criança de 7 anos.



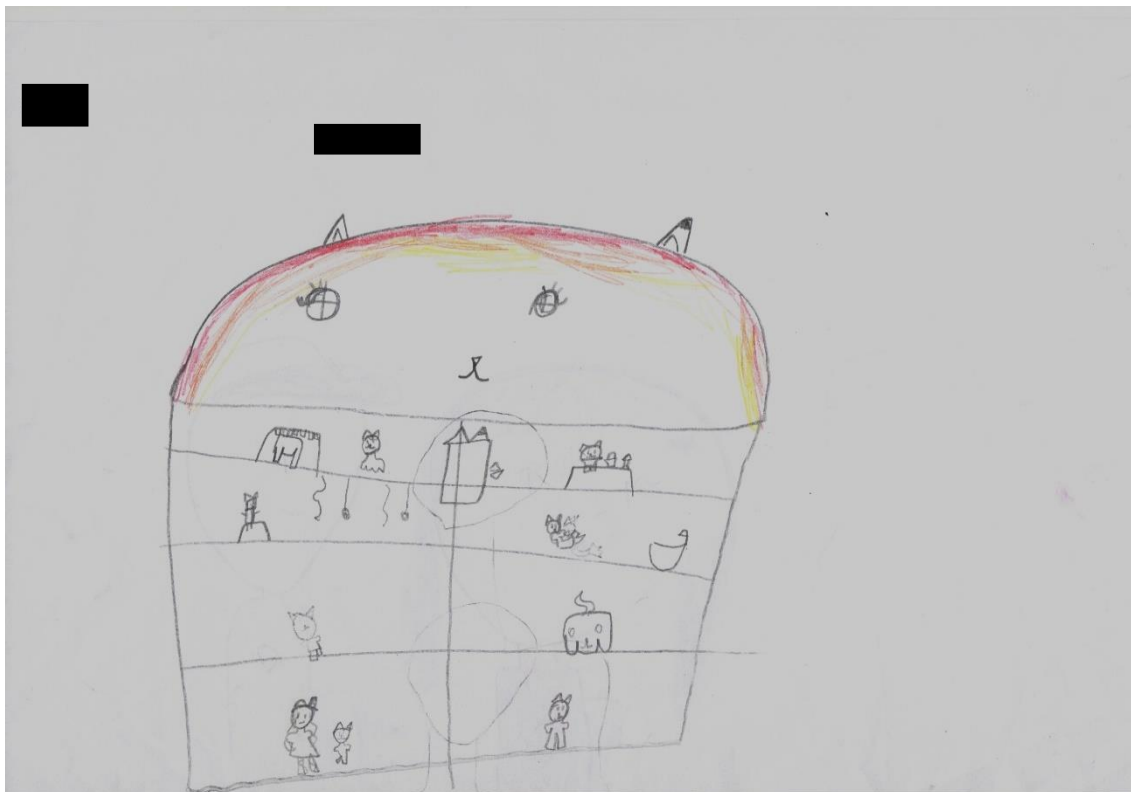
Fonte: Autor (2024).

Figura 17: Ilustração de desenho animado, produzida por uma criança de 6 anos.



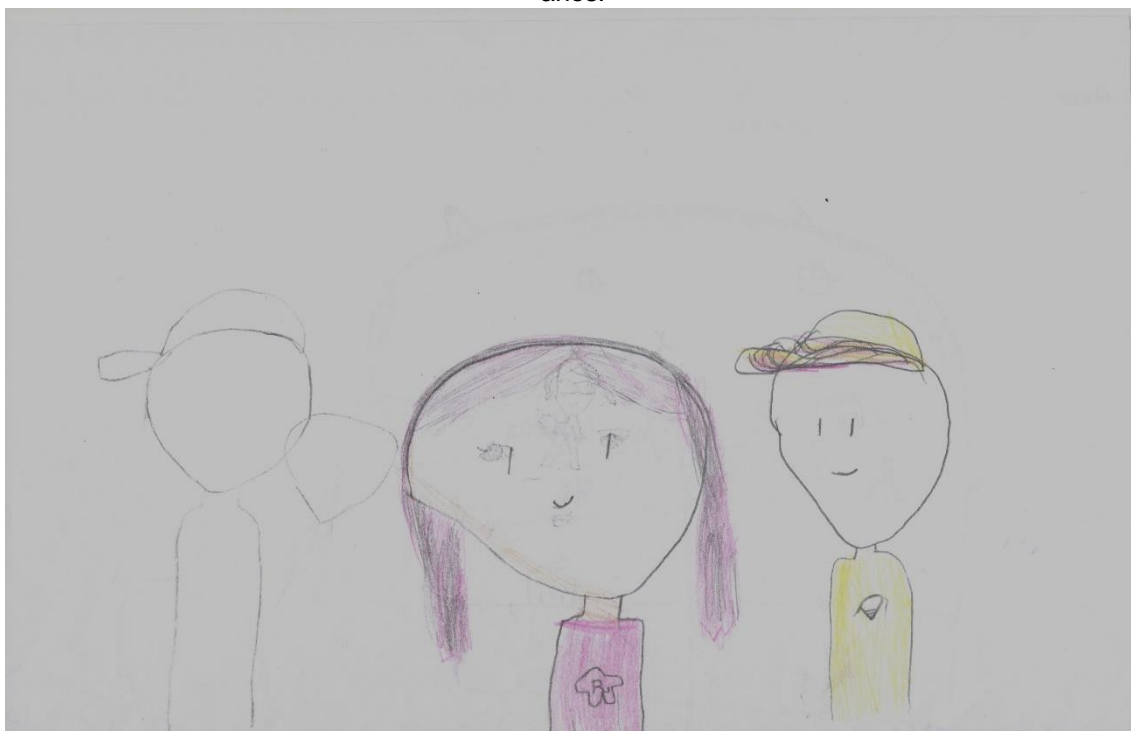
Fonte: Autor (2024).

Figura 18: Ilustração do desenho “A Casa Mágica de Gabby”, produzida por uma criança de 7 anos.



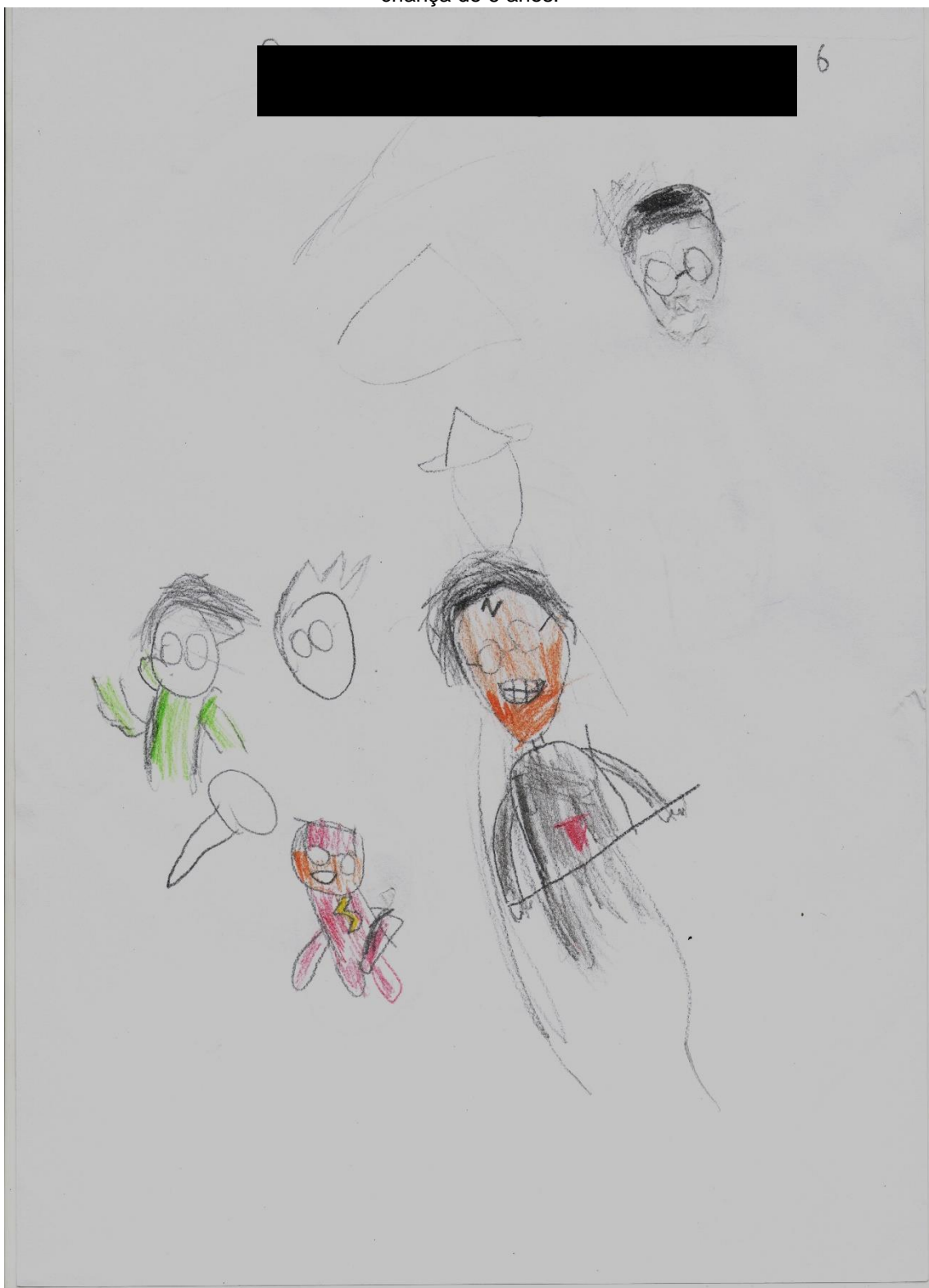
Fonte: Autor (2024).

Figura 19: Ilustração dos Youtubers “Emily Vick e Leozinho”, produzida por uma criança de 6 anos.



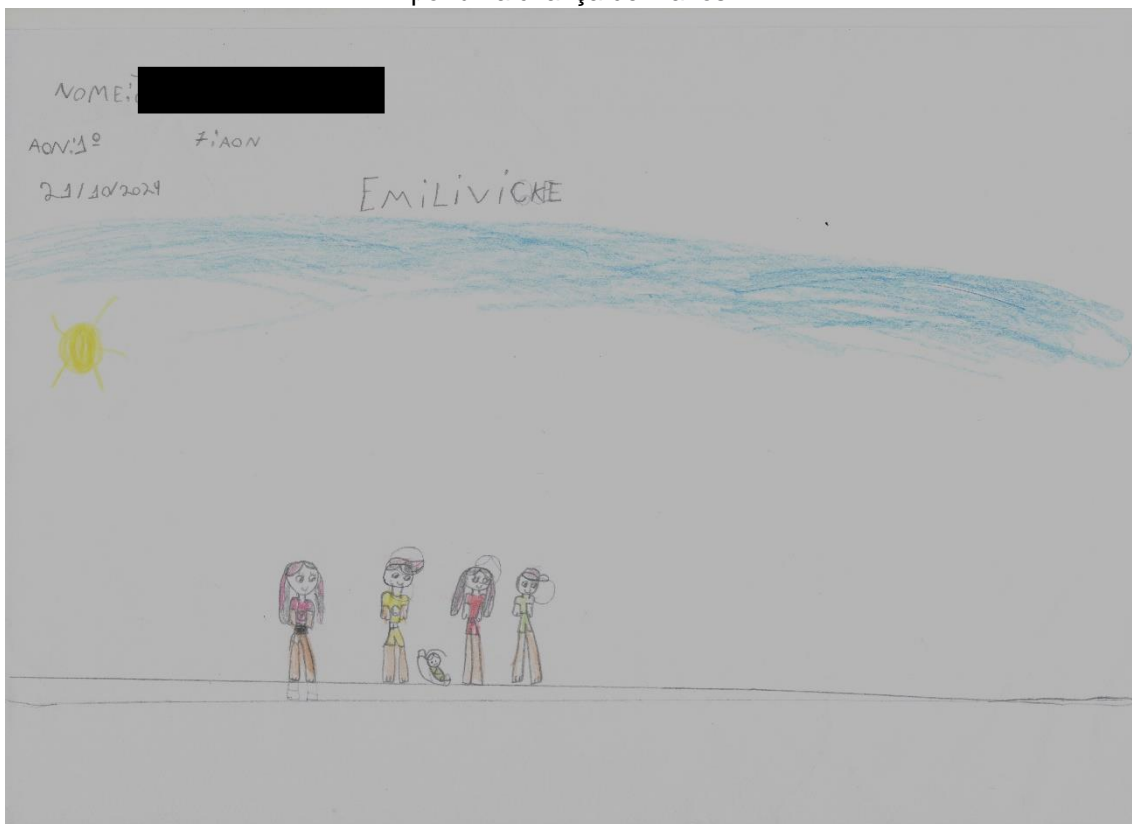
Fonte: Autor (2024).

Figura 20: Ilustração dos personagens, da franquia de filmes “Harry Potter”, produzida por uma criança de 6 anos.



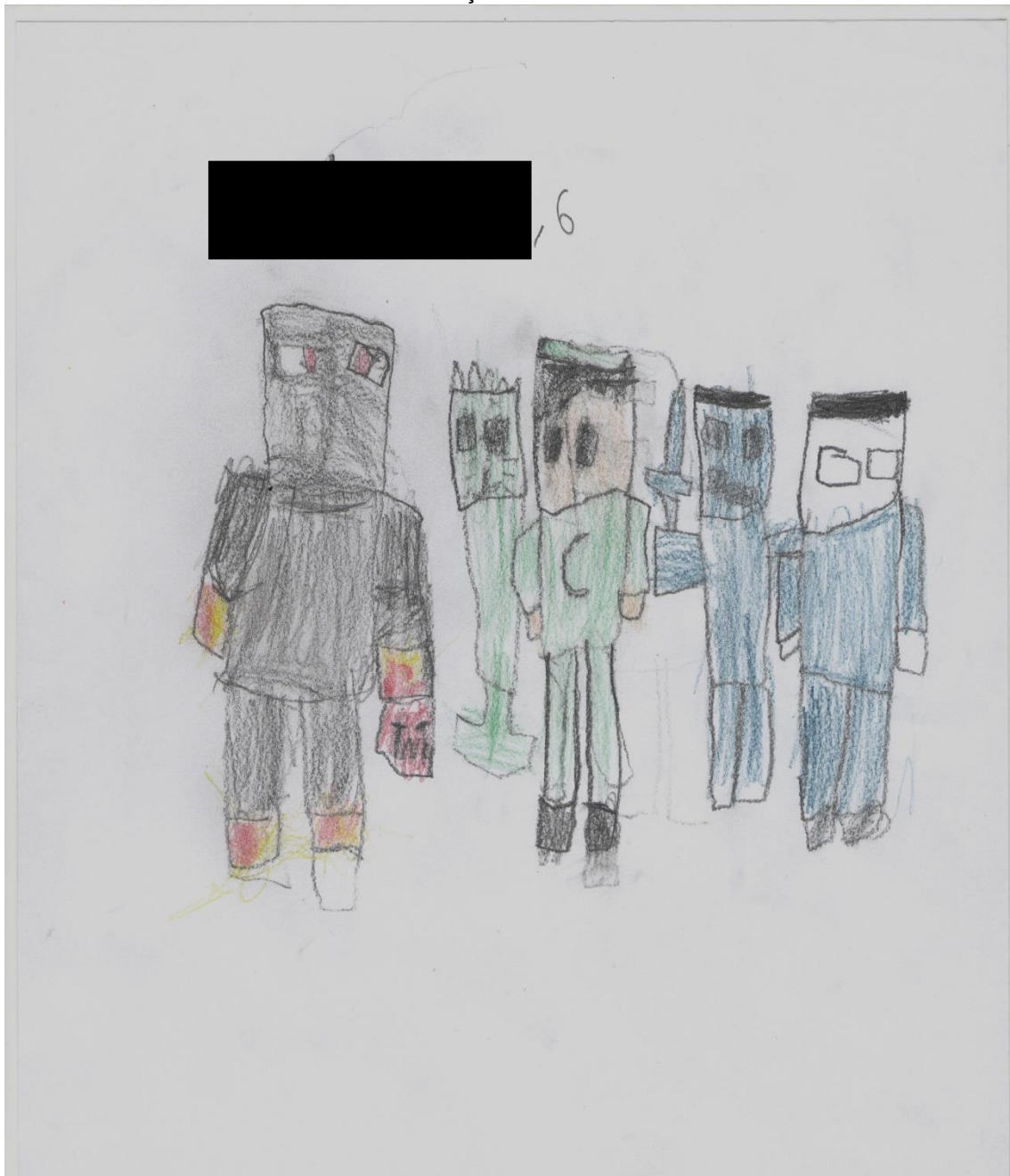
Fonte: Autor (2024).

Figura 21: Ilustração dos Youtubers “Emilly Vick, Leozinho, Katlen, Void e Robson”, produzida por uma criança de 7 anos.



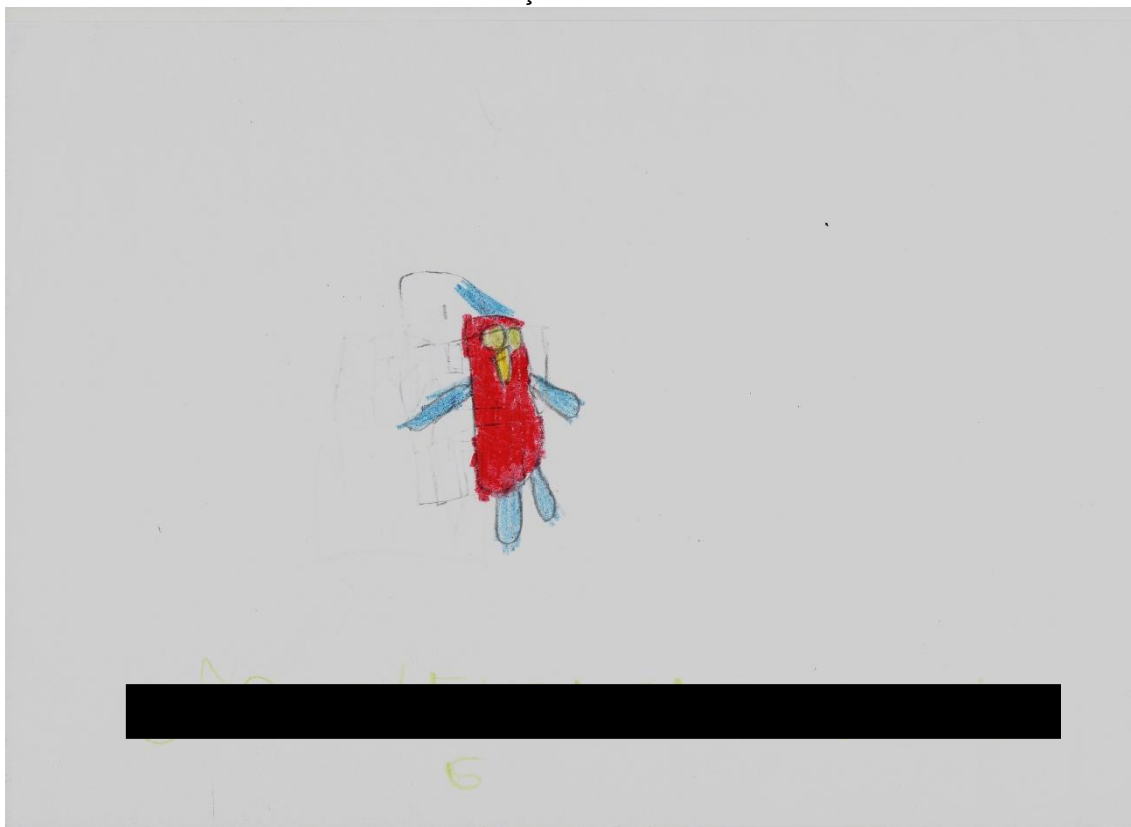
Fonte: Autor (2024).

Figura 22: Mais uma ilustração dos personagens do jogo "Minecraft", produzida por uma criança de 6 anos.



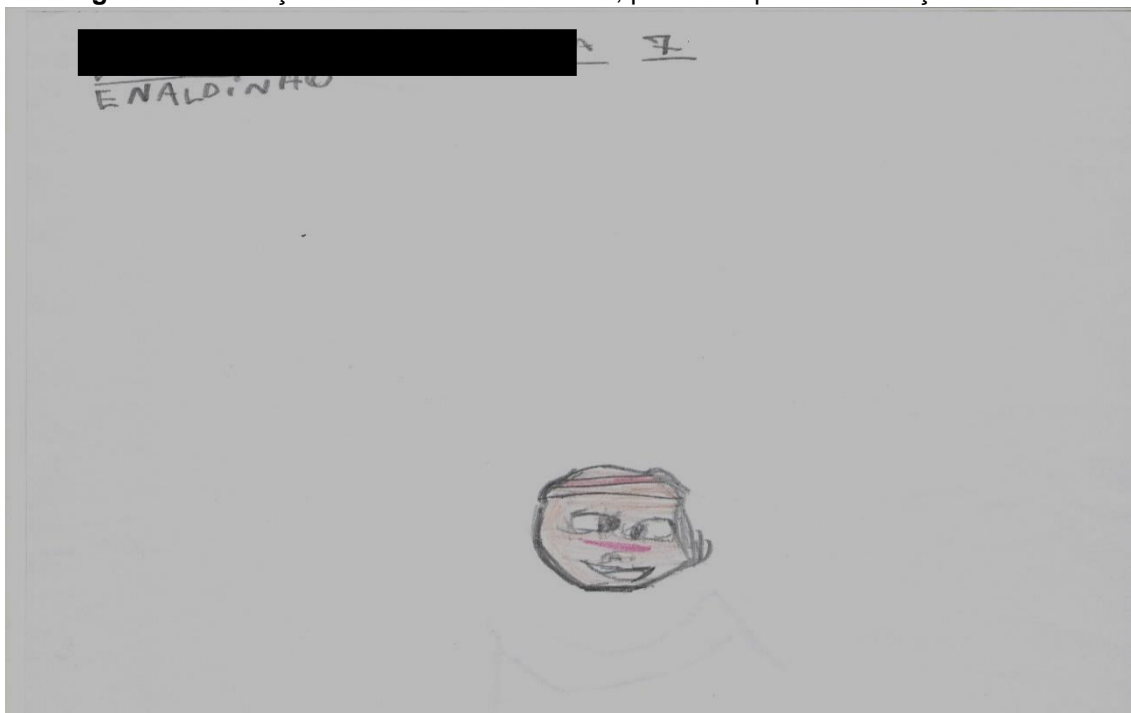
Fonte: Autor (2024).

Figura 23: Ilustração do personagem “Pica-Pau”, do desenho homônimo, produzida por uma criança de 6 anos.



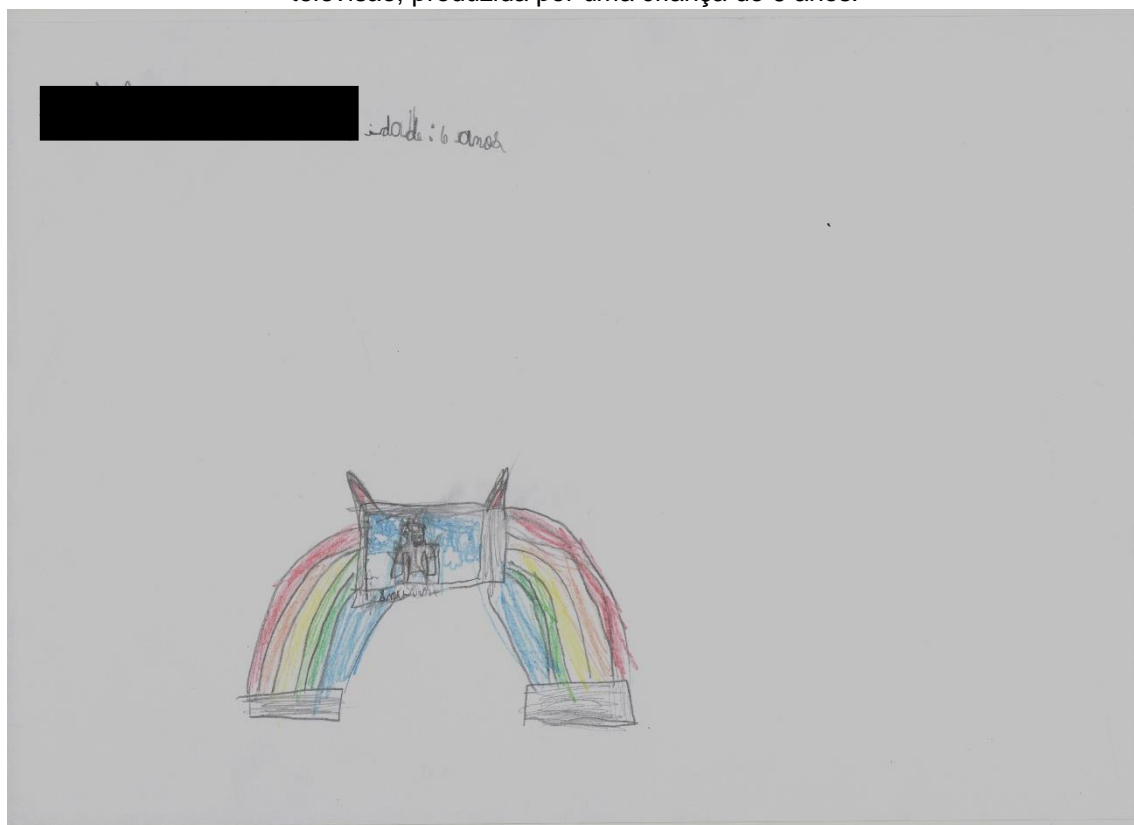
Fonte: Autor (2024).

Figura 24: Ilustração do Youtuber “Enaldinho”, produzida por uma criança de 7 anos.



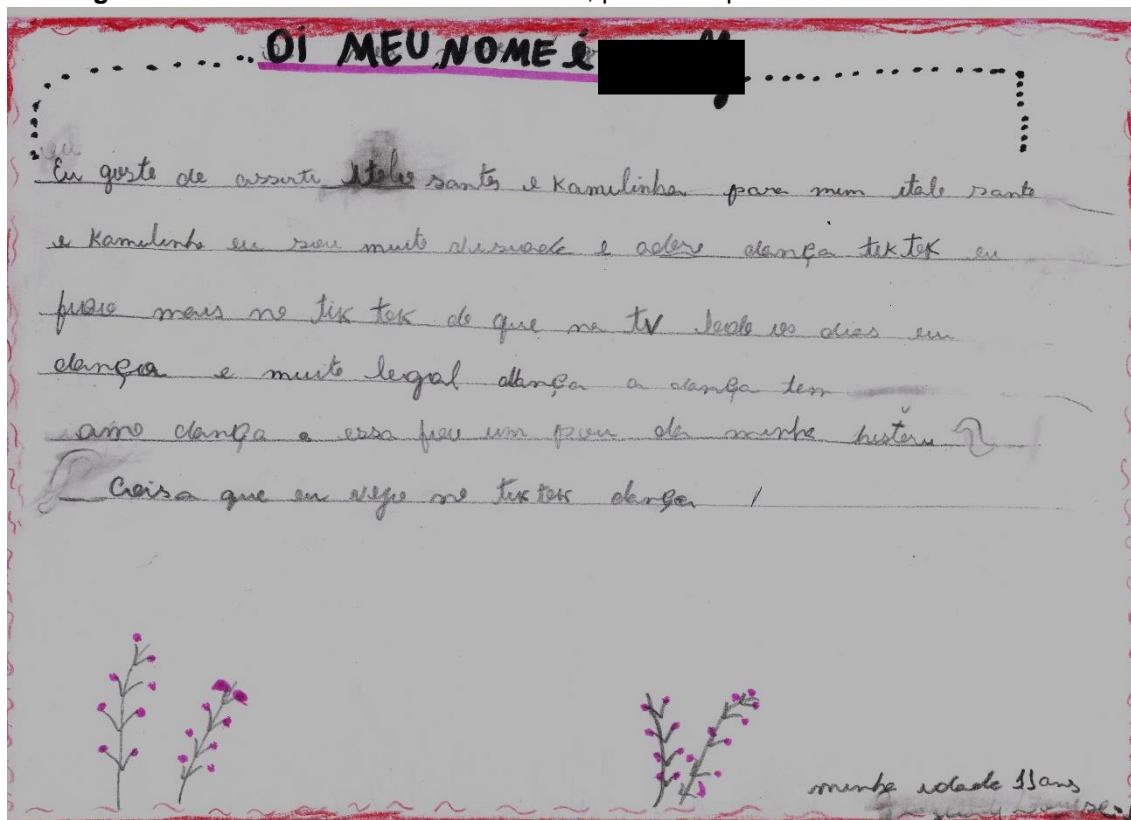
Fonte: Autor (2024).

Figura 25: Ilustração do desenho “Vera e o Reino do Arco-Íris”, sendo transmitido pela televisão, produzida por uma criança de 6 anos.



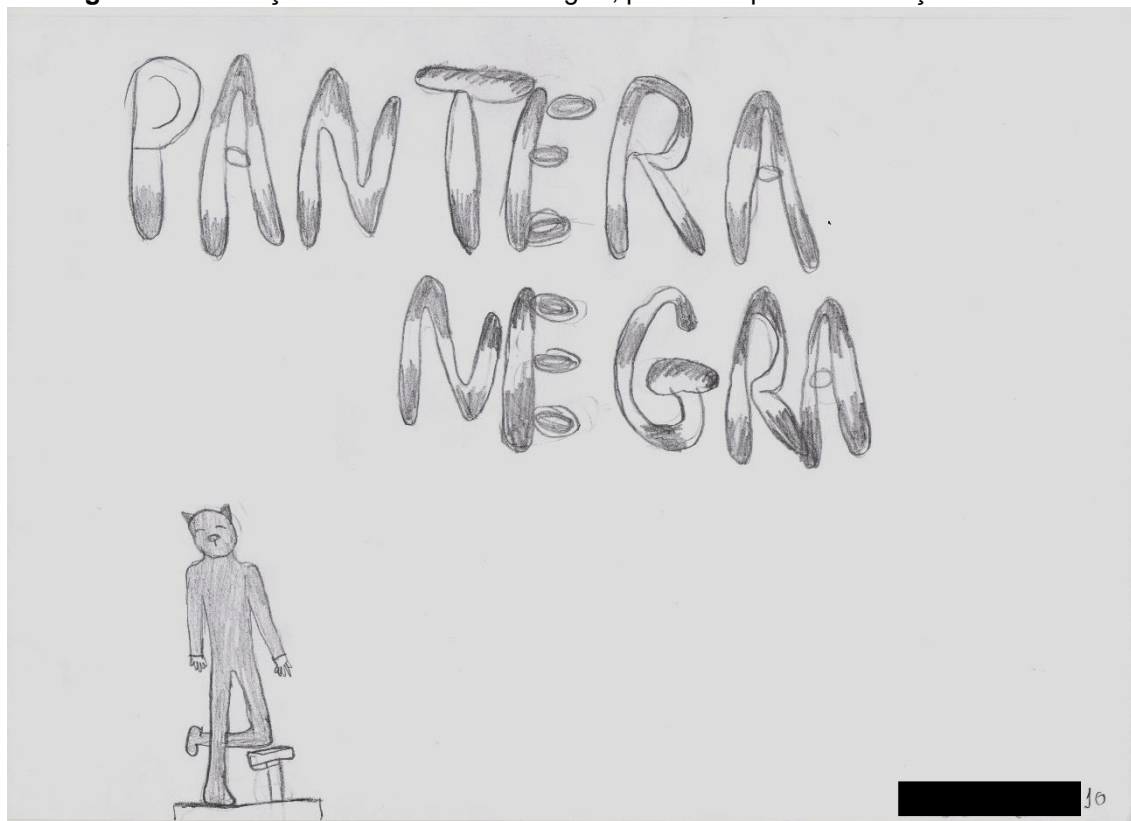
Fonte: Autor (2024).

Figura 26: Texto sobre conteúdos assistido, produzido por um estudante de 11 anos.



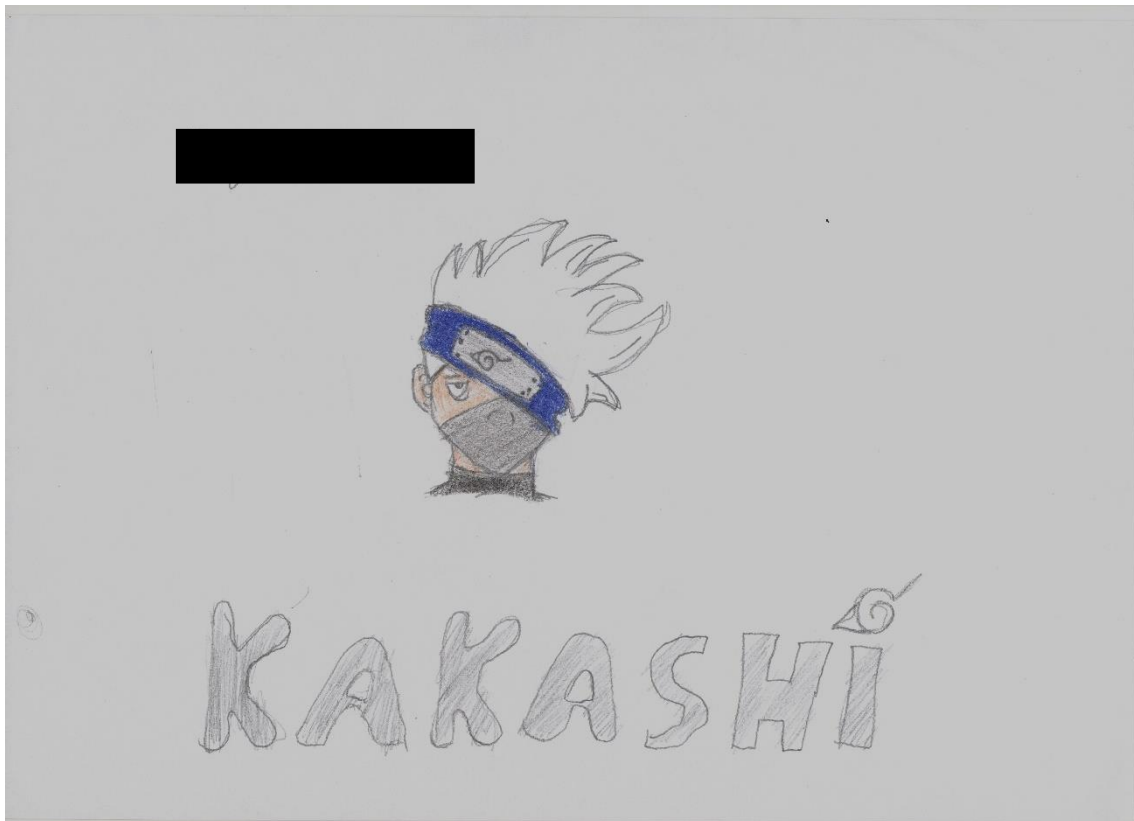
Fonte: Autor (2024).

Figura 27: Ilustração do filme "Pantera Negra", produzida por uma criança de 10 anos.



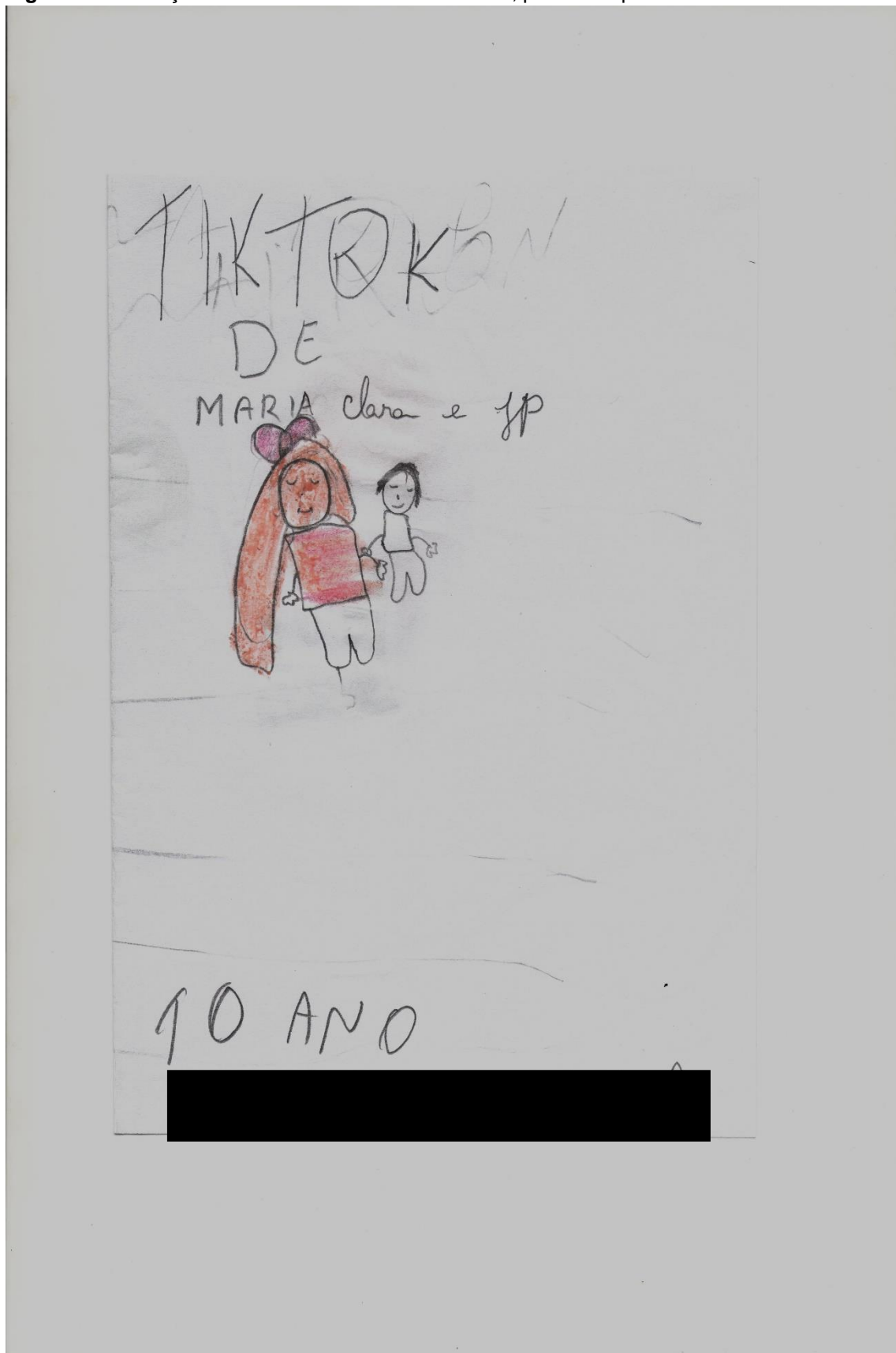
Fonte: Autor (2024).

Figura 28: Ilustração do personagem “Kakashi”, do anime “Naruto”, produzida por um estudante de 11 anos.



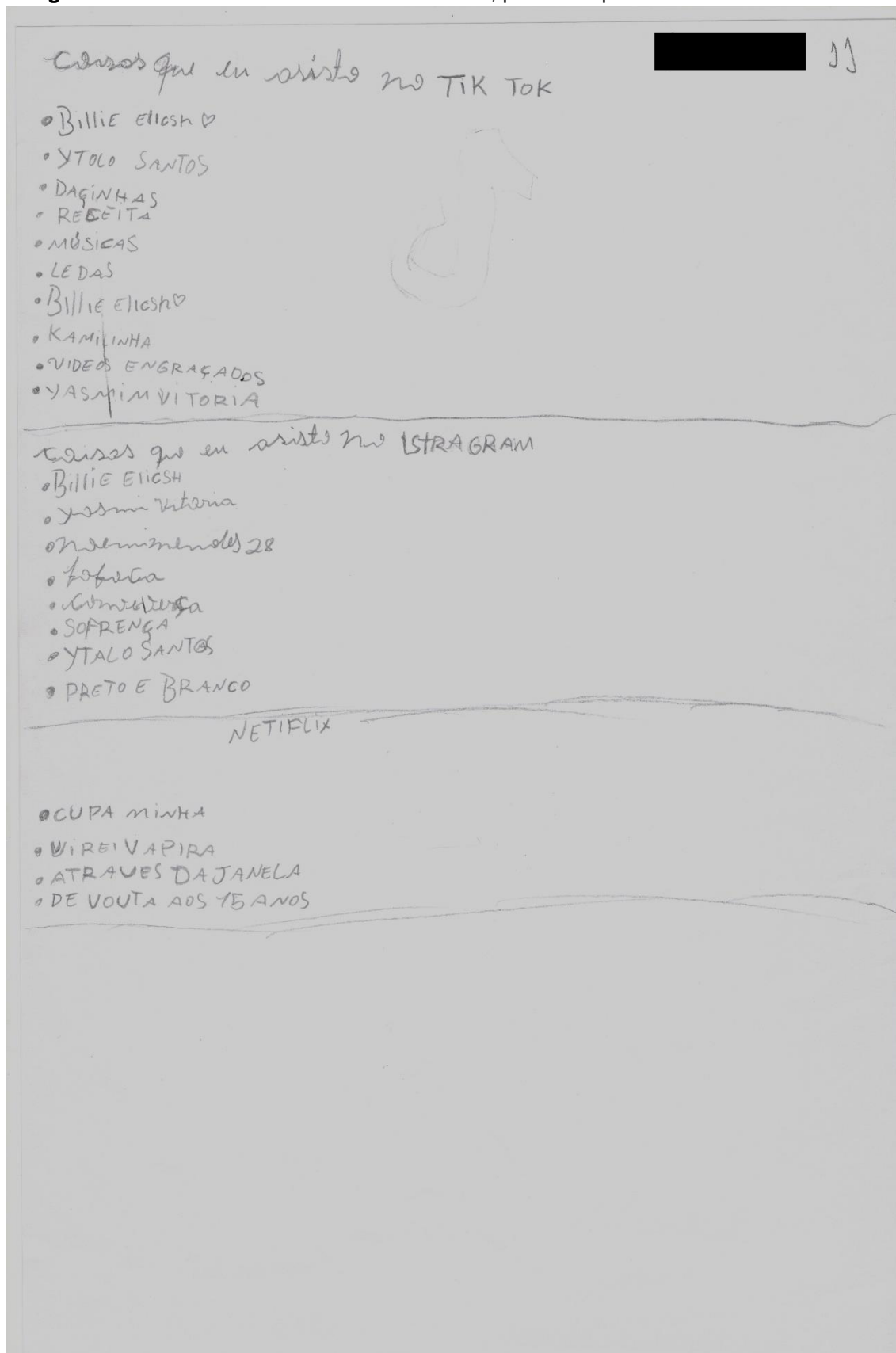
Fonte: Autor (2024).

Figura 29: Ilustração dos *Tiktokers* “Maria Clara e JP”, produzida por um estudante de 10 anos.



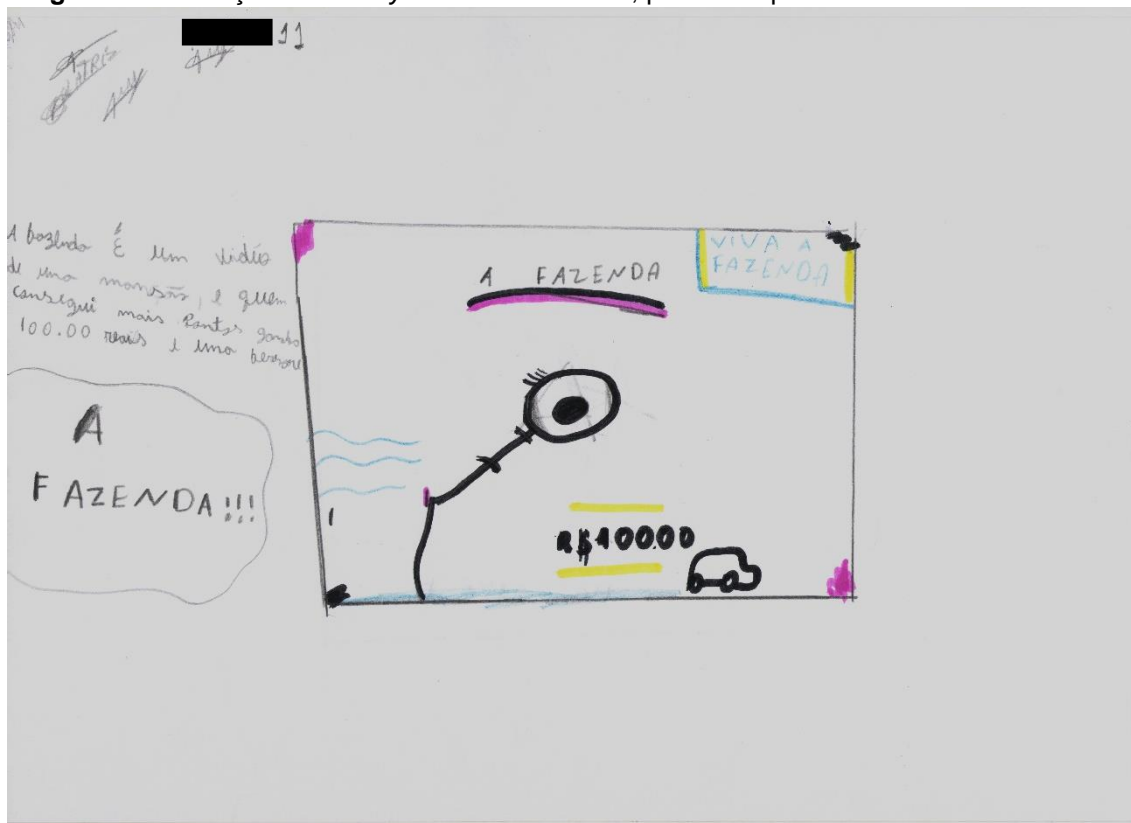
Fonte: Autor (2024).

Figura 30: Outro texto sobre conteúdos assistido, produzido por um estudante de 11 anos.



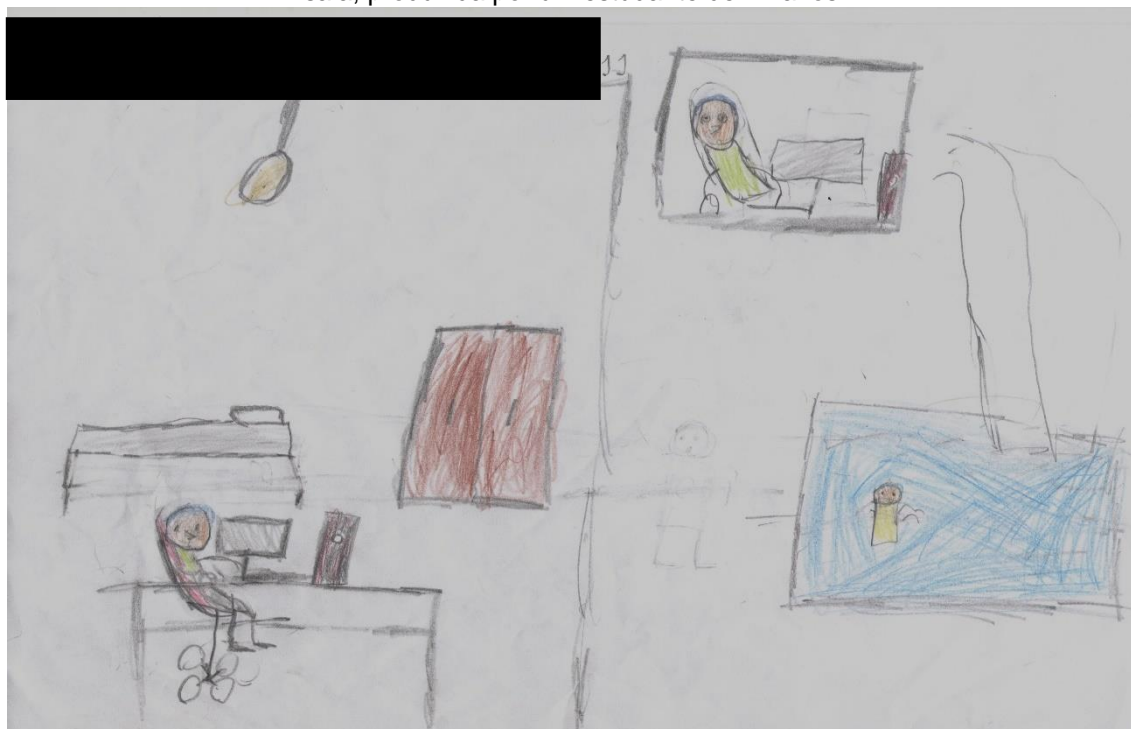
Fonte: Autor (2024).

Figura 31: Ilustração do Reality Show "A Fazenda", produzida por um estudante de 11 anos.



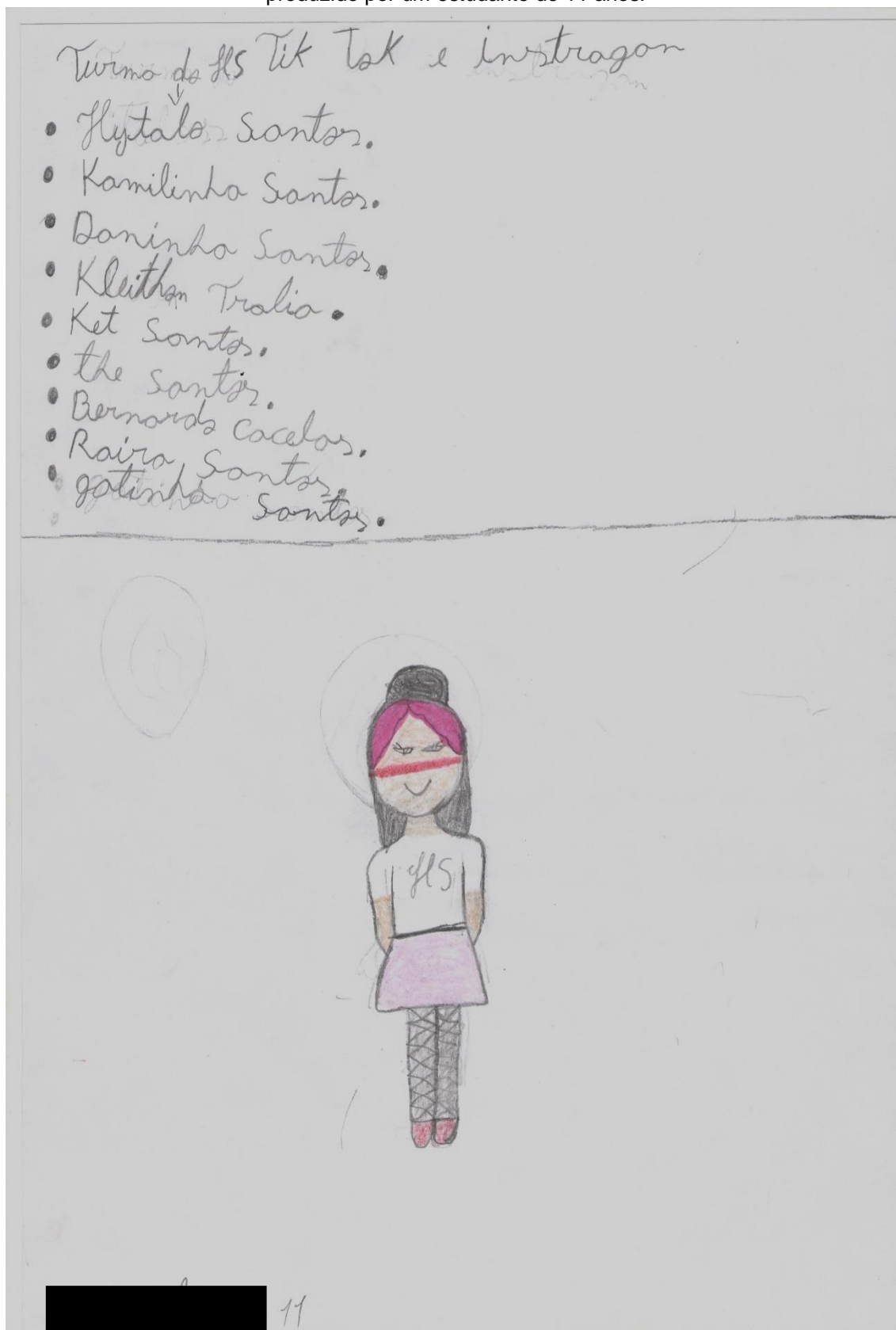
Fonte: Autor (2024).

Figura 32: Ilustração do cotidiano da própria vida, que se desenhou assistindo televisão na sala, produzida por um estudante de 11 anos.



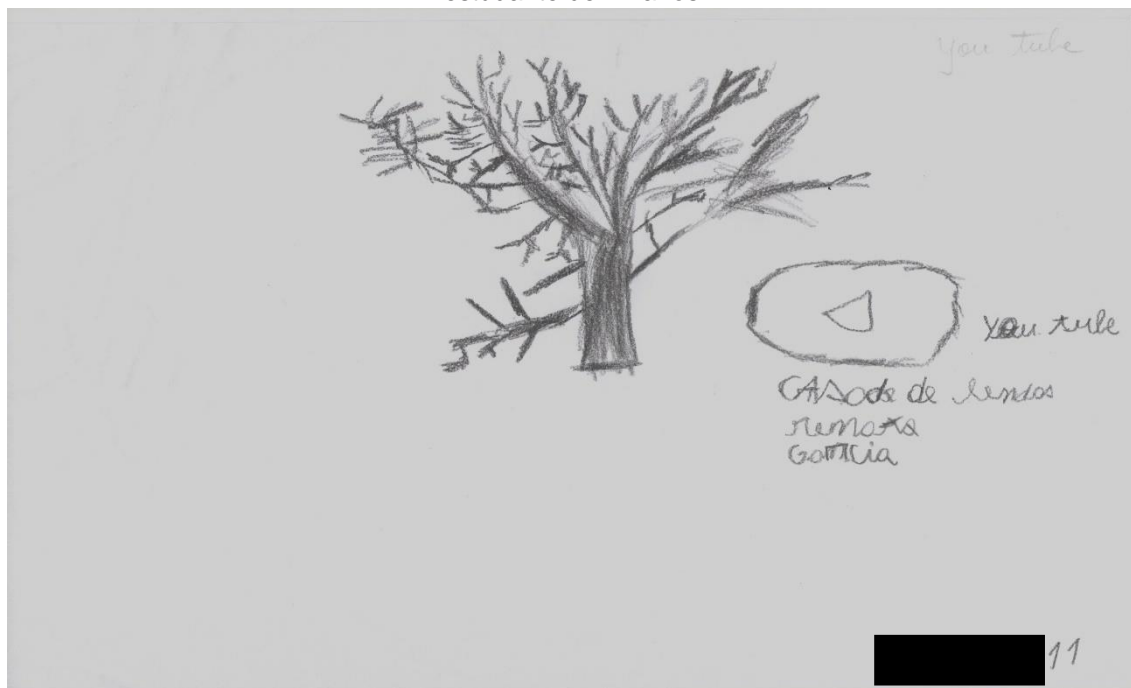
Fonte: Autor (2024).

Figura 33: Texto sobre conteúdos assistido e ilustração da Tiktoker “Kamilinha Santos”, produzido por um estudante de 11 anos.



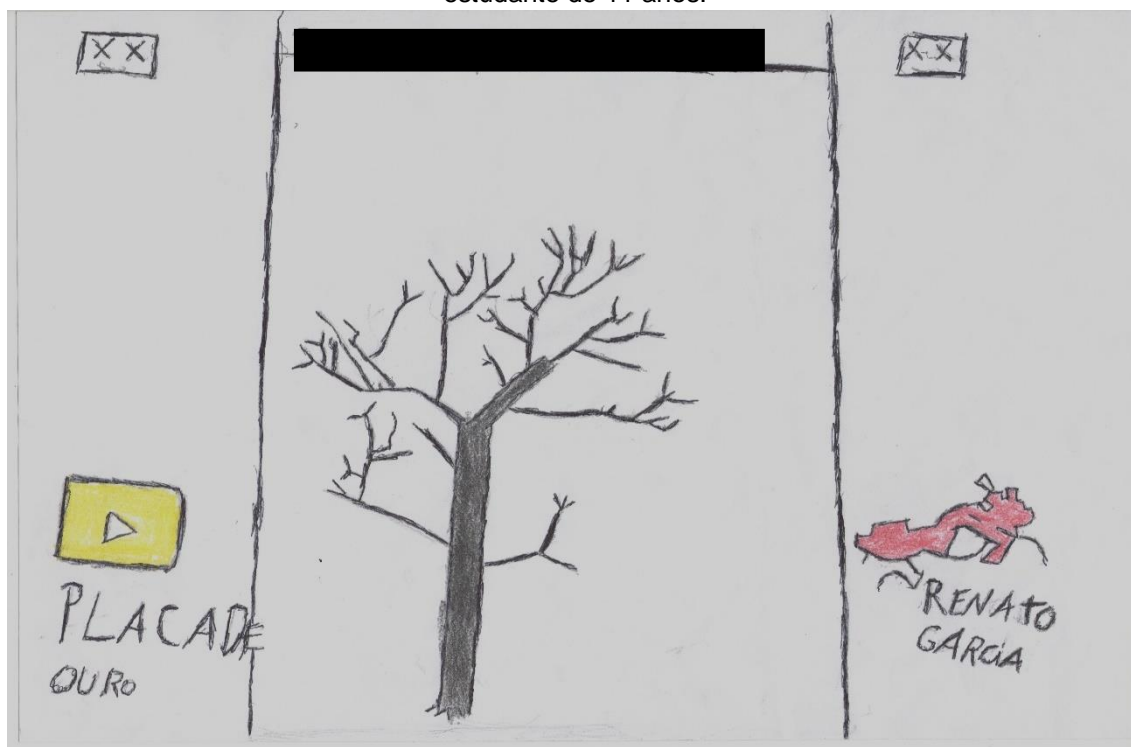
Fonte: Autor (2024).

Figura 34: Ilustração da Logo do Canal do Youtuber "Renato Garcia", produzida por um estudante de 11 anos.



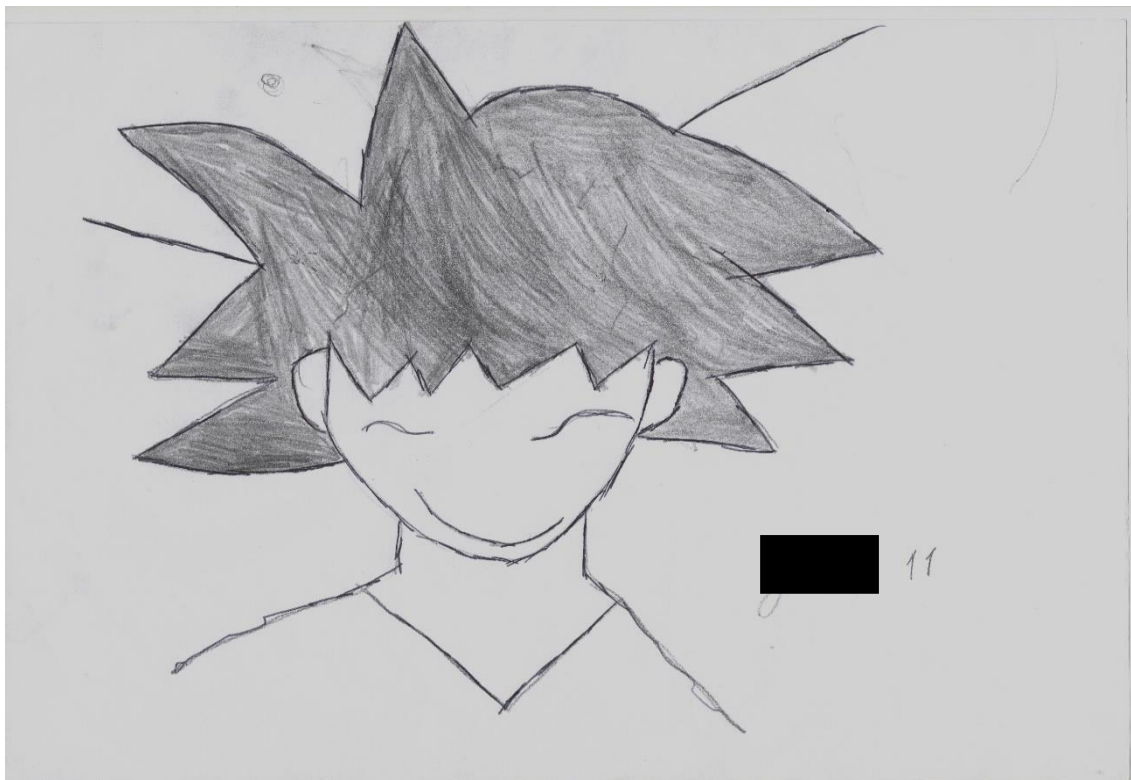
Fonte: Autor (2024).

Figura 35: Outra ilustração da Logo do Canal do Youtuber "Renato Garcia", produzida por um estudante de 11 anos.



Fonte: Autor (2024).

Figura 36: Ilustração do personagem “Goku”, da franquia de anime “Dragon Ball”, produzida por um estudante de 11 anos.



Fonte: Autor (2024).